

A Um Sorriso de Distância

Letícia Alves dos Santos

A Um Sorriso de Distância

São Paulo - 2025

Copyright © 2025 por Letícia Alves dos Santos A Um Sorriso de
Distância 1 a Edição 1 a tiragem – janeiro de 2025 Edição Editora
Lux Revisão Patrícia Campos Guimarães Diagramação Carvalho
Capa Ingo Bertelli ISBN Dados Internacionais de Catalogação na
Publicação — CIP

_____	2025.	1	cm.	ISBN
-------	-------	---	-----	------

_____ Bibliotecária responsável – Simone da Rocha Bittencourt
— 10/1171 Editora Lux Avenida Arajani, 139 — Cidade Patriarca
CEP: 03548-000 — São Paulo — SP Tel.: 11 4213-0401 |
WhatsApp.: 11 95916-6965 E-mail: contato@editoralux.com.br

EDITORIA
LUX

Aos sonhadores, que nunca deixam de acreditar no poder do amor e do sorriso. Que este livro seja uma fonte de inspiração e um lembrete de que a felicidade pode estar mais próxima do que imaginamos, a um sorriso de distância.

Palavras da autora

Descubra o poder transformador de um sorriso em “A Um Sorriso de Distância”, uma história que promete capturar seu coração desde a primeira página. Em um mundo onde as conexões verdadeiras parecem cada vez mais raras, Letícia e Júlio nos mostram que o amor pode florescer nos momentos mais inesperados. Letícia, uma jovem sonhadora com raízes na ensolarada Bahia, nunca imaginou que um simples sorriso pudesse mudar o curso de sua vida. Quando seus caminhos se cruzam com os de Júlio, um homem cuja presença irradia calor e segurança, ela é levada a uma jornada de descobertas sobre a profundidade do amor e a força necessária para superar a distância que os separa. Juntos, eles enfrentam desafios, celebram conquistas e descobrem que o amor verdadeiro é construído sobre pilares de confiança, compreensão e apoio mútuo. Com uma narrativa rica em detalhes e emoções, “A Um Sorriso de Distância” não é apenas uma história de amor, mas uma celebração da vida e das pequenas coisas que fazem cada dia valer a pena. Prepare-se para se emocionar, rir e se apaixonar por

personagens que parecem saltar das páginas, convidando
você a fazer parte de sua jornada. Este livro é um convite
para acreditar na magia dos pequenos gestos e na
capacidade do sorriso de transformar vidas.



Capítulo 1

— Se não fosse aquele seu sorriso despretensioso na primeira vez que eu a vi, talvez hoje não estivéssemos aqui. E olha que o sorriso não foi para mim, e muito menos eu era o motivo dele... Enquanto ele dizia “Se não fosse aquele sorriso”, a frase ressoava em meus ouvidos e meus olhos lacrimejavam. Era como se uma porta se abrisse na minha mente, lembrando-me de que meu sorriso havia viajado bastante até encontrar o amor, que agora estava diante dos meus olhos, dizendo aquelas lindas palavras. Pensei comigo: “Fizeste bem”. Sorri, concluindo meu pensamento: ele é exatamente o que eu imaginava encontrar quando era criança e sonhava com a ideia de construir uma família. Ele era, sem dúvidas, a pessoa certa. Não nego que, de alguma forma, minhas aspirações de infância me levaram até aquele momento magnífico em minha vida. Dando um breve esboço sobre a minha infância, que hoje, com um olhar maduro, considero uma das melhores fases da minha vida, senão a melhor. Já se perguntou qual o melhor momento da

vida? Quando se é criança, você almeja ser adulto; e, quando se é adulto, você percebe o quanto é maravilhoso ser criança; quando idoso, você deseja ter aquela força de jovem. Temos medo de encarar o presente? Vive-se uma vez só em cada estação da vida. Pergunto a você. Consegue encarar o presente como a melhor fase? Embora eu almejasse um futuro grandioso naquela época, tinha convicção da riqueza que nos cercava. Apesar de viver uma vida meio reclusa na minha infância, vivia no sul da Bahia, numa fazenda, com meus quatro irmãos, meus pais e nossa querida vizinha. Sempre fui uma garota sorridente e grata, claro que a vida não era nada fácil, mas sempre fui aquela pessoa que via o copo meio cheio, sabe? Meu nome tem grande influência sobre isso. O nome Letícia tem origem no latim laetitia, que significa alegria e felicidade. Sempre me considerei feliz, isso estava claramente desenhado, frequentemente era elogiada por ter um sorriso lindo em meu rosto, mas nunca imaginei que, anos mais tarde, iria encontrar o amor da minha vida através dele. Ainda sobre minha infância, certa vez, eu estava em cima de uma árvore com minha três irmãs, conversando sobre os nossos sonhos, imaginávamos um futuro em uma cidadezinha perto da zona rural que a gente morava, aspiração de amores da adolescência pairava em nossa mente, até sermos interrompidas pela nossa avó chamando a gente para ir tomar banho, com a justificativa que já estava ficando tarde, nossa mãe tinha

saído com nosso pai, ela, no entanto, era responsável por coordenar as nossas tarefas e afazeres rotineiros quando eles não estavam presentes, como tomar banho e comer, a gente não deixava essa tarefa fácil para ela. Após um longo tempo chamando, a gente desceu da árvore e fomos em direção à casa. — Não quero tomar banho — resmunguei, aproximando-me da minha avó. — Venha logo — disse ela, irritada. Maria, minha irmã mais velha, desceu correndo em direção ao riacho — quem chegar por último é mulher do padre! A gente seguiu correndo aos gritos, mal ouvimos nossa avó gritando da porta de casa — parem de correr! Vocês vão cair, parece um rebanho de mula! — ela esbravejava irritada. Depois de dar uns pulos no riacho, eu esquecia a minha desaprovação de ir tomar banho, se é que podia considerar aquilo um banho, a gente saia mais sujas do que entrava. Pois o rio tinha barro no fundo e a sujeira subia com os nossos pulos. Logo depois de sairmos do suposto banho, fomos comer banana da terra com carne seca, que, por sinal, era minha comida favorita naquele tempo. Logo em seguida ao jantar, caminhamos até o exterior da casa, para contemplar o céu estrelado e a noite iluminada pela lua cheia. Ficávamos lá fora ouvindo as histórias que nossa querida avó amava contar. — Acabou, está na hora de dormir — disse vovó calmamente, enquanto fazia movimentos de se levantar da cadeira que estava sentada. — Nãooooo! Conta mais uma, vovó — gritamos em sintonia. Ela sempre cedia e

contava mais uma história, enquanto eu ficava fixada olhando para a lua, ouvindo suas histórias malucas e engraçadas. Eu imaginava o dia em que me casaria e teria netos para compartilhar essas mesmas histórias. — Agora vamos entrar — concluiu minha avó entre bocejos. — Vamos, já que não podemos ficar a noite toda olhando a lua — respondi, fazendo todos rirem. Todos já estavam preparados para dormir. Nós nos dividíamos no único quarto que tínhamos, e eu sempre dormia com minha irmã Patrícia em uma cama de solteiro. Meus olhos já estavam fechados, e minha mente fantasiava filmes aleatórios, quando fui levemente esbarrada por Patrícia. — Tá acordada? — cochichou baixinho, para não acordar os outros no quarto. — Que foi? — respondi descontente, por ter sido tirada da minha fantasia. Patrícia amava criar histórias e falar; digamos que ela era a mais tagarela da família. E pelo fato de dormirmos juntas todas as noites, tínhamos uma ligação inestimável, que perdura até os dias de hoje. De repente, senti-a segurando minha mão e sussurrando: — A gente vai crescer e morar uma perto da outra, né? — Sim, a gente vai criar nossos filhos juntas. Vamos viver uma perto da outra até ficarmos velhinhas — respondi, apertando a mão dela de volta. Pegamos no sono de mãos dadas naquela noite. No dia seguinte, era sexta-feira, passávamos a tarde toda na horta da família colhendo legumes e verduras para que nossos pais pudessem levá-los à feira no dia seguinte. Desde os meus

seis anos, eu já ajudava no cultivo das hortaliças. Todos participavam, sem exceção. Além de ajudar nas tarefas diárias, passávamos muito tempo no mato, correndo atrás de borboletas, brincando de esconde-esconde, explorando e subindo em árvores, sempre com sonhos mirabolantes e uma busca implacável por aprender a voar. Confesso que até hoje não consegui, mas sigo tentando — risos. Sábado cedo de manhã, meus pais foram pra feira antes do galo cantar, todos nós ficamos acordados esperando eles saírem para fazer bagunça. Era lei, meus pais saíam e a gente levantava para fazer a festa. Assim que o carro pegava certa distância, a gente pulava da cama e comia literalmente tudo que via pela frente. Nesse dia específico, já era por volta das 04h00min horas da manhã e a gente tinha colocado velas num campo de futebol improvisado perto da nossa casa, para conseguir jogar bola até o raiar do sol. A energia elétrica ainda não tinha chegado à nossa fazenda naquela época, então recorremos à luz de velas para iluminar nossas noites. No auge de uma famosa pelada entre irmãos, ouvimos o ruído de um carro se aproximando. Com os olhos arregalados, Estevinho gritou: — Mainha e painho estão voltando! Ele mal tinha fechado a boca quando minha irmã ordenou: — Apaga as velas e corre! Foi um verdadeiro alvoroço. Não sabíamos se apagávamos as velas ou se corríamos para dentro de casa, para fingir que estávamos dormindo. No final, descobrimos que era o barulho de outro carro, não se

tratava dos nossos pais. Gargalhadas espontâneas começaram a surgir, contagiando um a um. Não era de se admirar, tudo era motivo de riso naquela época, e era impossível não sorrir diante daquela situação inusitada. Os dias foram se passando, os meses se transformaram em anos, e minha doce infância voou com o vento que me arrastou para o caos chamado vida adulta. A simplicidade e a inocência daqueles tempos deram lugar às responsabilidades e desafios que a vida adulta traz. Contudo as lembranças daqueles momentos preciosos permanecem vivas em minha memória, como um lembrete constante da alegria e da leveza que a infância proporcionou.



Capítulo 2

As coisas já não eram mais as mesmas quando abri os olhos pela manhã. No entanto, percebi que essa mudança não havia ocorrido de forma drástica; ela se desenrolou gradualmente, seguindo um ritmo quase imperceptível. As transformações acontecem assim, de maneira sutil, pouco a pouco, sem que nos demos conta, lentamente e incessantemente. E, de repente, em questão de segundos, me dei conta de que nada, absolutamente nada, permanecia como antes. Fui envolvida pela mudança, mesmo sem querer, e eu mesma já não era a mesma. Com o passar do tempo, muitas coisas mudaram dentro de mim. Já estava na fase adulta, mas ainda carregava em meu ser aquela mesma essência de garota sonhadora de quando era criança. A facilidade de sorrir ainda me acompanhava, embora eu tenha aprendido, ao longo dos meus 26 anos, que as coisas não eram tão fáceis como imaginava quando era pequenina. As brigas bestas de irmãos foram substituídas por desilusões amorosas, que não tinham a mesma prontidão de resolução de quando

se é criança. A dureza e a correria da capital me faziam relembrar memórias da vida tranquila que havia ficado há anos de distância. Eu já estava morando em São Paulo, com minha prima Vê e o Oscar, os quais considero meus segundos pais. Minha mãe e minhas duas irmãs, Patrícia e Deise, moravam no interior da capital paulista, que era consideravelmente perto de mim. Estava longe apenas do meu pai, que ainda morava na Bahia, com meus outros dois irmãos, Maria e Estevinho. Já havia me tornado mãe do meu querido filho, Arthur, e também era tia das minhas adoráveis sobrinhas, Eloah e Heloisa. Nossa querida vovó havia se tornado uma estrelinha, mas ela seguia viva em nossos corações e manifesta em nossas memórias. Após me tornar mãe solo, a responsabilidade de encontrar alguém especial se multiplicou, afinal, não se tratava apenas do meu futuro, mas também do futuro do meu filho. Para me apaixonar, precisaria ser alguém realmente especial. Para ser sincera, estava tranquila quanto a isso. Graças a Deus, eu tinha todo o apoio do mundo. A Vê e o Oscar, dindos do Arthur, além de darem muito amor, proporcionavam todo o conforto e muitos mimos possíveis. Além disso, podia contar com a rede de apoio da minha mãe e das minhas irmãs. Eu teria bastante tempo e calma para escolher uma pessoa para me relacionar, o que não era meu foco no momento. A Um Sorriso de Distância Estava focada na faculdade e na minha carreira de escritora independente, privilégios do

século 21. Numa noite fria de agosto, enquanto escrevia poemas, criei um em particular que descrevia nitidamente minha paixão pelo meu sorriso. Sim, sou apaixonada por ele. Uma coisa valiosa que aprendi ao longo dos anos é que você precisa se apaixonar por si mesmo, se amar e se cuidar, afinal de contas, você é seu próprio lar. Meu sorriso sempre foi minha porta de entrada, e frequentemente fazia poesia sobre ele. Manifestei assim:

Ela sorria porque era sorridente, a vida não era leve, mas ela sorria contente. Ela sorria quando alguém lhe dava bom-dia, Ao abraçar sua mãe, conversar com sua tia. Ela sorria nas dificuldades, sabia que o mundo tinha muita maldade, mas dentro de si algo sorria. Ela sorria, não que a vida fosse perfeita, mas ela sorria com toda sua beleza, alma e compaixão. Ela sorria para o vizinho, para o mendigo, até para o seu João, que falava mal do seu irmão. Ela sorria em pensamento e com seu olhar atento estendia a mão. Um dia, eu vi aquela menina, com tanta alegria que encheu meu coração. Enquanto ela sorria, encantava a multidão.

Assim que terminei e revisei meu pensamento expresso em verso, empolgada, liguei para minha mãe. Após dois toques, ela atendeu ao telefone. — Oi, minha filha — disse ela ao atender. — Atendeu depressa — questionei entre risadas e, em seguida, cumprimentei: — Bença, mainha. A senhora não vai acreditar, fiz um poema lindo sobre meu sorriso. Recitei meu poema para ela, que,

muito orgulhosa, comentou: — Muito lindo! Será que podemos ter a presença dessa ilustre escritora na inauguração da minha igreja? — brincou ela. — Igreja? — indaguei confusa. — Sim, vou abrir uma igreja com o pastor aqui perto de onde moro. — Legal! Não sabia — respondi. Até onde eu sabia, minha mãe fazia cultos na garagem da casa dela. Abrir uma igreja era um avanço. Ela sempre foi boa em liderança e comunicação era o forte dela. Falar de Jesus é o grande chamado da vida dela. — Claro que sim — respondi, contente, e logo perguntei: — Quando vai ser? E ela foi me explicando calmamente: — As festividades iniciarão em 30 de setembro, dando início a um final de semana cheio de atividades. Concordei e confirmei minha presença de imediato. Eu não sabia na época, mas aquele convite, embora aparentemente normal, logo após escrever um poema sobre meu sorriso, dava início a uma sequência de acontecimentos interligados. Algo magnífico estava para acontecer. No fim das contas, não é todo dia que se encontra o verdadeiro amor. O convite viria em outro momento se não fosse aquele; obviamente, minha mãe mais cedo ou mais tarde, iria me convidar. Mas o que mais me chamou a atenção é que foi exatamente naquela circunstância, como um roteiro de filme, como se algo maior e lindo já estivesse predestinado a acontecer e tudo estivesse meticulosamente conectado com meu sorriso. O amor estava a um sorriso de distância e só precisava estar lá para sorrir.



Capítulo 3

Os dias iam se passando, e eu me encontrava um pouco pensativa sobre meu futuro. Sentia o desejo no meu coração de orar por ele. Recentemente, havia publicado um livro de poemas cujo tema era “Pequenos Detalhes”. Decidi fazer uma campanha de oração sozinha, pensando comigo mesma: todas as noites, durante 30 dias, às 22 horas, irei orar. Esse horário era perfeito, pois minha aula já teria acabado e meu filho já estaria dormindo. Sem explicação, eu sabia que os melhores dias da minha vida estavam bem perto, e estava me preparando para recebê-los. Sabe quando você sente que algo vai acontecer? Eu não sei explicar; alguns chamam de pressentimento, sexto sentido, sei lá. Eu sentia fortemente dentro de mim, e aquilo já era o suficiente. Mas eu seguia minha vida: estudava, fazia exercícios físicos e mantinha minhas orações em um futuro promissor. Mal sabia que minhas orações já estavam sendo atendidas. Logo chegou o dia de viajar para a cidade onde minha mãe morava. Eu era apaixonada por

aquela cidade desde a primeira visita. Havia muitas árvores, e a conexão com a natureza que existia naquele lugar me trazia conforto, remetendo-me à paz e tranquilidade que tínhamos quando eu era criança. Bem cedo, ao acordar, senti uma paz e uma sensação forte de que algo estava para acontecer. Ou melhor, eu estava prestes a dar o sorriso mais apaixonante da minha vida, fato que até então não era do meu conhecimento. Naquele dia, cheguei à casa da minha mãe por volta das 21h00, cansada. Afinal, viajar com criança cansa, mesmo em viagens curtas como aquela, de aproximadamente 3 horas. Tinha pegado um carro de aplicativo até a rodoviária, o que levou uns 50 minutos, e esperei cerca de meia hora pelo ônibus. Depois, fiquei 1 hora e uns 20 minutos no ônibus. Quando cheguei, mal cumprimentei minha mãe, pois já tinha passado do horário do meu filho dormir. Deitei ao lado dele para fazê-lo dormir e acabei dormindo também. Era justamente o último dia para completar a sequência de 30 dias de oração, e esqueci completamente de orar. Acordei cedinho e já me deparei com o entusiasmo da minha mãe, que estava animada com a festividade do dia. — Bom dia! Hoje tem churrasco na casa de uma irmã da igreja — disse ela, contente. — Bença, Mainha. Que legal! Eu amo carne, a senhora sabe, né? — respondi com um sorriso. — Deus te abençoe — ela disse. Curiosa, perguntei: — Quem vai? — O pessoal da igreja — ela respondeu, enquanto engolia o café e

concluía: — Lá tem piscina e vai acontecer batismo de alguns irmãos. Fui contagiada pela empolgação dela. Eu amava carne e estava ansiosa para conhecer os irmãos da igreja que deixavam minha mãe tão feliz. Enquanto tomava meu café, pensamentos intrusos tomaram minha mente. Pensei comigo: será que vou encontrar o amor da minha vida na igreja da minha mãe? Será possível? Se sim, ela deve ter o conhecido primeiro que eu. Fiquei um tempo meditando. — Que aleatória, Letícia — refleti. A igreja dela está começando agora, acho que nem deve ter jovens. Embora, no fundo, eu considerasse a possibilidade de encontrar alguém especial naquele final de semana. O ponteiro do relógio estava prestes a marcar 09h00, quando minha mãe perguntou: — Não vai se arrumar, Letícia? — Vou, mas não está cedo? — indaguei. Ela respondeu: — A gente vai às 11 horas. — Ah, sim! — respondi. — Já vou me arrumar e arrumar o Arthur. Quando deu 11h00, saímos de casa e entramos no carro. O churrasco aconteceria na rua de cima, mas Daniel, amigo íntimo da família e irmão da igreja, passou lá para nos buscar. Chegando lá, observei atentamente a casa e as pessoas que já estavam presentes. Após observar rapidamente o local, sentei-me numa mesa junto com minha mãe. Após um tempinho, perguntei para minha mãe: — Cadê o pastor? Minha mãe, num tom de brincadeira, disse: — Ainda não chegou, ele sempre atrasa. Estava curiosa para conhecer o pastor que iria abrir a igreja com minha mãe. Pouco

tempo depois, houve um movimento na entrada da casa. Ainda estava sentada à mesa, quando o pastor chegou, acompanhado de sua esposa e de um jovem alto com semblante sério. Assim que o rapaz entrou no local, meus olhos foram diretamente para ele. Observei-o brevemente e logo desviei o olhar, pensava comigo mesma: “Hummm”, enquanto um sorriso bobo surgiu no meu rosto. Será que é “ele”, o motivo das minhas orações todos esses dias? Não acredito! Ponderei em silêncio, lembrando que na noite anterior, justamente o último dia da minha sequência de orações, acabei dormindo sem orar. “Perdoa-me, Deus”, pensei comigo. Segundos depois, minha mãe me cutucou, dizendo: — Olha, Leticia, chegou o pastor e a família da sua esposa. De imediato, não fui com a cara do pastor. Sua esposa parecia legal, mas ele me passou uma impressão negativa. No entanto, logo me distraí com as coisas acontecendo ao meu redor e perdi o contato visual com o rapaz que havia chamado minha atenção. Ele se sentou numa mesa atrás de mim. Naquela manhã de primavera, o dia estava lindo. Joguei bola com algumas crianças e com meu filho. Tudo já estava se encaminhando para o fim, quando a família do pastor veio se despedir. Apenas acenei e dei um sorriso em forma de cumprimento. Mal sabia eu que, naquele instante, aquele sorriso despretenso seria o ponto chave da nossa história. Tão pouco imaginava que, em menos de um ano, estaria no altar ouvindo do amor da minha vida as palavras mais

bonitas que alguém já escreveu para mim. E olha que não foi de maneira nenhuma intencional, mas, naquele exato momento, ele se apaixonou de forma genuína e inexplicável pelo meu despojado sorriso, algo que só descobriria mais tarde naquele dia. Eu ainda não tinha chegado em casa, quando uma notificação apareceu no meu celular. Alguém havia me seguido no Instagram e respondido a um stories. “Não! Será que é ele?”, pensei comigo. Ao abrir o aplicativo para ver de quem se tratava, deparei-me com a mensagem dele. Na mensagem, ele dizia: “Além de linda, cristã, tem um sorriso lindo... ainda é escritora”, e terminou com um emoji de coração nos olhos. Ele continuou: “Desse jeito, tu me ganha facinho hehe. Brincadeiras à parte, mas é verdade”. Fiquei um breve momento sorrindo, incrédula. “Que rápido! Não é possível.” Ver aquelas mensagens me causou borboletas no estômago. Sorri boba e demorei alguns minutos para responder. Fiquei sem palavras, afinal, fui pega de surpresa, pois não tinha trocado nenhuma palavra com ele no churrasco. Mas logo digitei para ele, com receio: “Obrigada rsrs, fiquei até sem graça com tantos elogios”. Logo em seguida, ele digitou: “E isso é porque eu não te conheço direito. Tenho certeza que tem muito mais qualidades”, terminou com um emoji sorrindo. “Claro que não me conhece,” pensei comigo. “A gente tinha se visto literalmente pela primeira vez e não tínhamos trocado uma única palavra até então.» Tentando prolongar a conversa, perguntei:

“Vai para o culto hoje?”. “Vou sim”, ele respondeu e perguntou em seguida: “Você vai?”. “Vou sim”, disse em resposta, e ele completou: “Então nos vemos daqui a pouco kkk”. Escrevi: “Sim rsrs,” terminando aquela conversa. Ainda perplexa e estranhamente contente, mostrei a foto dele que tinha na grade do seu Instagram para minha mãe, e perguntei: — Quem é? Ela deu uma risada e respondeu: — É o Júlio, ele é irmão da mulher do pastor, o pastor que está abrindo a igreja comigo. Perguntei entre sorrisos: — Júlio sabe que sou filha da pastora dele? — Acredito que não — mainha enfatizou. — Ele parece ser boa pessoa. Depois de ouvir as palavras da minha mãe, caminhei até o quarto onde meu filho dormia e fiquei refletindo. Não me sentia 100% segura para iniciar um novo relacionamento, e aquele episódio mais cedo claramente se desenhava para que isso acontecesse. Estava disposta a dar uma chance ao amor, finalmente? Mesmo sentindo que, de alguma forma, ele era a pessoa certa, me questionava se esse era o momento certo. O sol já estava se pondo quando comecei a me arrumar. Já tinha preparado meu filho, que brincava na sala de estar da minha mãe. Meu coração, de repente, começou a disparar de ansiedade, algo incomum para mim. Estava ansiosa para chegar ao culto e vê-lo pessoalmente. Tinha apenas vislumbrado ele antes e queria conversar de perto. Por volta das 19 horas, cheguei à igreja. Meus olhos o procuravam, mas sem sucesso. Sentei-me em uma cadeira numa fileira

localizada no meio da igreja, torcendo para que ele chegasse logo. Pouco tempo depois, notei que ele havia chegado e se sentado um pouco mais atrás. Olhei para ele e sorri gentilmente; ele sorriu de volta, meio envergonhado. Durante o culto, fui apresentada como visitante e filha da pastora. Assim que o culto acabou, cumprimentei alguns irmãos da igreja e fui em direção a ele. Ele também estava vindo em minha direção. Comecei a suar frio de nervoso, mas notei que ele parecia ainda mais nervoso. Após apertarmos as mãos em cumprimento, ele perguntou: — Então você não é daqui? — Não — respondi, fazendo sinal com a cabeça. — Mas tenho planos de vir morar aqui no ano que vem. Ele claramente ficou contente com a ideia de eu me mudar para a mesma cidade que a dele. Enquanto ele falava que morava perto da igreja, mantive meus olhos fixos nele, gostando da nossa primeira e curta conversa cara a cara. No entanto, no meio da conversa, fui surpreendida por alguém me chamando. Assim que virei de volta e o procurei, meus olhos não o encontraram; ele tinha ido embora sem ao menos se despedir. Poxa, pensei comigo, o que eu falei para ele ter saído correndo? Enquanto caminhava em direção ao carro para ir para a casa da minha mãe, me questionei: — Será que você é como aqueles doramas com finais felizes? Nossa história tinha começado de forma tão inusitada quanto um desses enredos, repletos de clichês, momentos fofos e até um pouco constrangedores. Embora eu não gostasse de

clichês na vida real, fiquei intrigada até onde aquilo me levaria.



Capítulo 4

Eu já estava sentada à mesa, jantando com minha mãe, quando recebi uma mensagem dele: “Desculpa ter saído sem me despedir rsrs”, escreveu ele, seguido de uma pergunta: “Você vai ficar aqui na cidade até quando?”. Subitamente perdi apetite, e fui para o quarto respondê-lo com calma. Escrevi: “Está desculpado, vou embora na segunda. Mas eu venho aqui sempre”. Assim que enviei, vi que ele estava digitando. Segundos depois, meu celular notificou: “Ahh sim, então ainda temos tempo de sair para fazer alguma coisa, caso queira. Vamos sair para comer alguma coisa amanhã à noite?”. “Que bom que você vem sempre”, ele concluiu. Ao ler aquelas mensagens, meu estômago borbulhava de felicidade. Pensei: que rápido! Na minha cabeça, imaginava que só sairíamos juntos na minha próxima visita à minha mãe, isso se nossas conversas fluíssem. Já era sábado e minha passagem estava comprada para segunda cedo. Ele não perdeu tempo e já me convidou para sair. Ele parecia ser uma pessoa decidida, apesar de ter saído correndo na nossa última conversa. Respondi: “Está certo”. Mesmo receosa com a velocidade de como

tudo se encaminhava. No entanto estava gostando da nossa conversa, apesar da gente morar uns 80 km de distância, tinha planos de morar na mesma cidade que a dele no próximo ano, e quem sabe valeria a pena, afinal, ele só estava me convidando para sair. Perguntei: “Depois do culto, né?”. No dia seguinte era domingo, o último dia da festividade na igreja da minha mãe. “Isso, depois do culto”, ele confirmou. “OK”, eu disse. “Você gosta de massas?”, ele perguntou. Respondi que sim. Em seguida, ele digitou: “Vou pensar em algum lugar para a gente ir. Caso não tenha restaurante aberto, você, como estudante de nutrição, o que gosta de comer? Rsr”. Respondi: “Não conheço muito aqui, gosto de comer comida”, respondi como uma boa estudante de Nutrição (risos). Conversamos bastante, descobri que ele era formado em Direito, tinha 27 anos, gostava de acampar e se aventurar subindo montanhas, conhecendo lugares incríveis. À medida que o conhecia, admirava-o ainda mais. Depois de um tempo, acabei pegando no sono. Acordei no outro dia com uma mensagem sua no meu celular, desejando-me “Bom dia”, e por fim combinamos de ir a uma pizzeria depois do culto. Perguntei: “Você sabe onde minha mãe mora? Vou deixar meu filho aqui em casa depois do culto”. “Respondendo sua pergunta, eu sei onde sua mãe mora, sim. A gente pode passar lá pra deixar o Arthur”, ele disse. “Mas ela sabe que a gente vai sair?”, perguntou, surpreso. “Combinado”, respondi. “Pode ser que ela demore. Ah, e sim, ela sabe,

pois vai ficar com o Arthur.” Passei o dia inteiro ponderando todas as possibilidades e o que poderia acontecer no nosso primeiro encontro. Já se encaminhava para as três da tarde, quando Daniel, amigo da família, chegou à casa da minha mãe. — Letícia tem um encontro? — perguntou em tom de brincadeira. — O que tem isso? — indaguei, levantando a sobrancelha. Minha mãe respondeu, sorrindo e me encarando: — Ela vai na Pizzaria Augusta. — Eh, Arthurzinho, sua mãe vai, sim — Daniel falou, passando a mão no cabelo do Arthur enquanto ele brincava. Então perguntei um pouco animada: — A senhora fica com o Arthur? É depois do culto. — Fico, sim — ela respondeu, sorrindo para Daniel. Já era de tarde e estávamos nos arrumando para ir ao culto. Aquele seria o último dia de festividade, e minha irmã ia cantar com a banda dela. Estava animada. Um pouco antes de ir para a igreja, notei que meu filho estava um pouco para baixo, no início de uma gripe. Fiquei preocupada, pois ele já tinha tido uma convulsão uma vez por conta da febre, e fiquei inquieta e atenta a ele. Ao chegar na igreja, logo avistei o Júlio, vestindo um suéter azul marinho. Ele estava muito lindo nesse dia, seu sorriso era acolhedor e seus olhos brilhavam como se ele carregasse um sol em seu olhar. Meu Deus! Meu estômago borbulhava de ansiedade para o culto acabar e termos nosso primeiro encontro. Quando o culto estava quase chegando ao fim, notei que meu filho estava um pouco quente. Fiquei preocupada, pois como

poderia ir a um encontro e deixar meu filho com febre em casa? Claro, ele estaria aos cuidados da minha mãe, mas mesmo assim, estava fora de cogitação deixá-lo doente em casa. Ao mesmo tempo, ficava aflita, pois queria muito sair com o Júlio. “O que eu faço?”, pensei comigo mesma, torcendo para o culto acabar logo para ir para casa dar medicamento para meu filhote de gente, como eu carinhosamente o chamava. Ao terminar o culto, conversei com o Júlio e pedi para ele me levar à casa da minha mãe, que era perto dali. Contei que achava que meu filho estava com febre e que eu iria para casa dar o medicamento para ele e fazê-lo dormir antes de minha mãe chegar para ficar com ele. Assim foi. Antes de eu entrar no carro, ele, todo cuidadoso, abriu a porta para mim. Trocamos poucas palavras no trajeto, apenas algumas palavras soltas. Ao descer, convidei-o para entrar na casa da minha mãe, mas ele se recusou, pois estaríamos sozinhos e poderia parecer estranho para a pastora dele, que no caso era minha mãe. Ele decidiu ficar no carro, na porta, até minha mãe chegar. Aquele gesto de cuidado e compreensão me tocou profundamente. Júlio demonstrou respeito e consideração, o que só aumentou minha admiração por ele. Entrei em casa, peguei um termômetro e... 38 graus, meu filho estava com febre. Fiquei aflita, dividida entre ir ou não. No dia seguinte, de manhã, voltaria para São Paulo. Se não fosse naquela noite, quando seria? Estava com passagem comprada para viajar para a Bahia na

semana seguinte. Enquanto dava o medicamento para meu filho, pensava no que dizer para Júlio. Não queria ir e deixar meu filho com febre. Minha mãe me mandou uma mensagem: “Letícia, já estou indo. O pessoal do som estava demorando para desmontar. Cadê o Júlio?”. “Está lá fora, dentro do carro, esperando. Ele não quis descer”, respondi e acrescentei: “Mainha, o Arthur tá com febre. Não quero ir. O que a senhora acha?”. “Você deu o remédio para ele?” ela digitou. “Sim, ele já está dormindo”, respondi. Ela disse: “Vai, menina, deixa de ser boba. Ele já está dormindo, vai ficar tudo bem. Você precisa de alguém que te ame e que te cuide. Quem sabe não é ele? Eu vou ficar com o Arthur. Qualquer coisa, eu te aviso”. Essas palavras foram decisivas. Resolvi ir, mesmo com medo. A pizzaria ficava a uns dez minutos da casa da minha mãe. O Arthur já estava dormindo e medicado. O máximo que poderia acontecer era ele acordar e minha mãe me ligar, e eu voltaria. Insegura, mandei uma mensagem para Júlio: “Mainha já está vindo, ufa!”. Ele respondeu: “Sim, acabou de passar aqui”. Quando o pessoal chegou em casa, corri até minha mãe e falei: — O Arthur está dormindo. Qualquer coisa, me liga. Confesso que fiquei com receio, mas fui confiando que tudo daria certo. O Arthur já estava medicado e dormindo. Além disso, a oportunidade de conhecer melhor Júlio era algo que eu não queria deixar passar. Ao entrar no carro, contei para ele que o Arthur estava com febre e perguntei se ele poderia me levar à

farmácia, pois queria comprar um remédio, já que viajávamos cedo na manhã seguinte. Ele prontamente concordou. Depois de passarmos na farmácia, seguimos para a Pizzaria Augusta para jantar. Pelo horário, não havia muitas opções legais abertas. Após estacionar o carro, ele perguntou: — Pode esperar um pouco? — Sim — respondi, meio envergonhada. Enquanto esperava, notei que ele deu a volta no carro e veio em minha direção. Ao abrir a porta onde eu estava, ele disse: — Agora sim, pode descer. Fiquei corada e impressionada com seu cavalheirismo. Em seguida, ele estendeu sua mão em minha direção. Seus braços eram longos, com veias saltadas. Ao sentir sua mão tocar a minha, meu coração disparou, e meu semblante ganhou um sorriso envergonhado. Entramos na pizzaria, e o clima estava agradável. Logo fomos levados a uma mesa. Enquanto ele escolhia as opções no cardápio, eu o observava com mais calma. Seus olhos eram de um castanho claro, e me apaixonei de forma serena, com brilho nos olhos e um sorriso envergonhado nos lábios, antes mesmo de completarmos o pedido. Ele olhou para mim e perguntou: — Que pizza você gosta? — Margarita e de bacon — respondi. — Pode ser metade de cada? — ele perguntou, sorrindo, enquanto meu celular tocava. — Pode sim! — completei. — Vou ver esta mensagem, pode ser importante. — Claro! — ele disse imediatamente, fixando seus olhos em mim enquanto pegava o celular. — É minha irmã Patrícia — afirmei.

“Estamos aqui na casa de mainha. O Arthur está dormindo. Fica em paz. Como está aí? Acabei de medir a temperatura dele e está com 36 graus, não está com febre, não.” Após ler aquelas mensagens, fiquei mais tranquila e pude voltar para o meu encontro. — Ufa! Meu filho não está mais com febre — disse, aliviada. Júlio respondeu: — Sério? Graças a Deus. E me perguntou em seguida: — Quer tomar o quê? — Pode ser um suco de laranja — respondi, sorrindo. Trocamos risadas e conversamos bastante sobre nós, tentando nos conhecer melhor. A pizza chegou, e estava maravilhosa. Após o garçom nos servir, perguntei calmamente: — Como você me encontrou? E o que chamou sua atenção? E Júlio explicou de forma serena e contínua: — Apaixonei-me pelo seu sorriso em frações de segundos. Pode-se dizer que foi amor à primeira vista, ou melhor, amor ao primeiro sorriso. Quando a vi sorrindo pela primeira vez, a sensação que tive foi como se estivesse admirando uma das mais belas paisagens, uma verdadeira obra de arte. Pensei comigo mesmo: esse sorriso supera facilmente as sete maravilhas do mundo antigo e moderno. É esse sorriso que quero admirar para a vida toda. — Sério? — interrompi-o e continuei: — Mas eu não estava sorrindo para você. Ele respondeu com um sorriso suave: — Eu sei, mas isso não importa. A beleza do seu sorriso transcendeu qualquer direcionamento. Foi como se ele tivesse sido destinado a mim, mesmo sem intenção. E naquele momento soube

que precisava conhecê-la melhor. Ao chegar em casa, a primeira coisa que fiz foi procurar você no Instagram. Não foi difícil, pois encontrei seu perfil através do Insta da igreja. Assim que comecei a te seguir, pude admirar um pouco mais do seu sorriso através das fotos. Mesmo com um frio na barriga, resolvi te mandar uma mensagem, e, para minha surpresa, você respondeu rapidamente. Dei um gole no suco, tentando encontrar palavras, pois ele havia me deixado sem palavras pela segunda vez naquela noite. Enquanto eu buscava algo para dizer, ele, meio desconcertante, comentou: — Foi olhar teu sorriso e meu coração errou as batidas. Fiquei um tempo sorrindo em silêncio, olhando para ele, e então respondi: — Enquanto meus olhos conseguirem alcançar você, sorrirei. Ele era realmente bom com as palavras, e a dúvida se ele as cumpriria pairava no ar, como uma expectativa silenciosa. Aquele momento era especial, pois estávamos criando uma história que ambos desejávamos que continuasse a ser escrita. Que profundo, pensei comigo mesma. O mais curioso é que conheço ele há apenas um dia e já estou tão apaixonada. Mal comi um pedaço de pizza, e comentei: — Estou cheia. Normalmente consigo comer dois pedaços, mas hoje, com a emoção do primeiro encontro, mal consegui terminar um, empurrando com o suco. — Estou cheio também — ele disse, concordando. Ele apertou levemente minha mão, e meus olhos imediatamente se voltaram para nossas mãos entrelaçadas. Levantei meus

olhos calmamente, e, antes que eu pudesse articular alguma palavra, ele perguntou: — Quer mais alguma coisa? — Não — respondi, acenando com a cabeça. — Vou pedir a conta — ele disse, enquanto fazia um gesto para chamar o garçom. O garçom se aproximou e perguntou: — Vai levar para viagem? — Sim — ele respondeu. A pizza era realmente deliciosa, mas a emoção do momento nos impediu de comer menos da metade. Após ele pegar a pizza e pagar a conta, saímos de mãos dadas em direção à saída. Poucos passos após cruzarmos a porta, ele me puxou gentilmente e me deu nosso primeiro beijo. Fui pega de surpresa, mas foi uma surpresa boa, daquelas que fazem o coração acelerar e o mundo ao redor parecer desaparecer por um instante. Naquele momento, eu estava gritando de alegria por dentro: “Ainda bem que você veio, que beijo maravilhoso ele tem!”. Eu imaginava que nos beijaríamos naquela noite, mas logo assim, na saída, foi um recorde. Ele era rápido, pensei comigo, enquanto nos dirigíamos até seu carro. Ele prontamente abriu a porta para mim novamente e, após entrarmos, olhou nos meus olhos e se aproximou lentamente, depositando mais um beijo suave em meus lábios. Ficamos ali por um tempo, trocando sorrisos e beijos, até que comentei: — Vamos? Amanhã vou viajar cedo. — Vamos, vou te deixar na sua mãe — ele disse, olhando nos meus olhos enquanto ajeitava meus cabelos atrás da orelha. — Posso ir com você? — perguntou, dando-me um beijo e completando:

— Para São Paulo, digo. Após sorrir, perguntei: — Você iria? Percebi que seus olhos, fixados nos meus, se voltaram para o meu sorriso, e ele, seriamente, disse: — Desde a primeira vez que te olhei, decidi que iria de bom grado para qualquer lugar que você quisesse ir. Parece loucura, mas quem se importa com a loucura do amor hoje em dia? Quero viver o teu sorriso neste tempo tão corrido, dar abraços longos, sorrisos sinceros e olhares que dizem mais do que palavras. — Nossa, que lindo! Você gosta de me deixar sem palavras, Júlio César. — Vamos? — ele disse, ajeitando-se no banco do carro e começando a dirigir. Ele me levou até a casa da minha mãe, já era por volta da meia-noite. Nos despedimos e eu disse: — Assim que chegar em casa, avisa. Ao partir, no silêncio do pós-encontro, pensei comigo mesma, empolgada: “Eu sou mais feliz desde que a gente virou ‘nós’”. Ao chegar na casa da minha mãe, descendo as escadas, avistei minha irmã Patrícia, acompanhada do seu esposo e os amigos da banda deles, comendo pizza. — Bonito! — eles disseram, e eu sorri, meio envergonhada, tentando desviar o foco. Perguntei: — Cadê o Arthur? — Está dormindo com mainha — respondeu minha irmã, que logo me puxou animada para o quarto. — Me conta! — disse ela, empolgada. — Foi perfeito — respondi, entre sorrisos e pulos estranhos de emoção. — Leticia do céu, eu não acredito! — disse ela, me sacudindo e perguntando: — Tu estás apaixonada? Meu sonho se realizou. Sorrimos, nos abraçamos e contei por

alto como foi. Após compartilhar com minha irmã, entrei no quarto onde minha mãe já estava deitada. Deitei ao lado dela e falei: — Está dormindo? — Não — ela respondeu sonolenta, e perguntou: — Como foi? — Mainha, foi perfeito. A gente foi na Pizzaria Augusta, ele abriu a porta do carro, puxou a cadeira para eu sentar. O beijo dele é maravilhoso! Ela riu, contente. Após dar um beijo nela, disse: — Vou arrumar minha mala. Arthur continuava dormindo ao lado dela. Já estava quase terminando, quando chegou uma mensagem do Júlio: “Acabei de chegar em casa”. “Que bom, estou terminando de arrumar a mala” — escrevi. “Não arrume”, ele respondeu. Em seguida, mandou: “Brincadeira, mas espero que em breve você esteja aqui novamente”. Respondi: “Estarei”. Após isso, avisei que iria dormir e dei boa noite. Ele informou que dormiria também. Já estava deitada, pensando em como aquele final de semana tinha sido doido e bom ao mesmo tempo. Era incrível como em tão pouco tempo tantas emoções e momentos especiais puderam se desenrolar, deixando um sorriso no meu rosto enquanto eu adormecia.



Capítulo 5

Logo cedo, por volta das sete da manhã, eu estava na rodoviária, aguardando o ônibus, quando meu celular tocou. Era o Daniel. — Alô — respondi ao atender a ligação. Ele começou a narrar, num tom de brincadeira: — Ele puxou a cadeira para você se sentar, abriu a porta do carro, blá blá blá... Surpresa, eu argumentei: — Quem te contou? Não acredito que mainha falou para você! — Tchau, Daniel — respondi, tentando encerrar a conversa. Mas antes que eu pudesse desligar, ele gritou: — Está apaixonada! — e desligou em seguida, deixando-me sorrindo e um tanto embaraçada. Antes de o ônibus chegar, recebi uma mensagem do Júlio desejando-me uma boa viagem e perguntando se o Arthur estava melhor. Respondi que sim, agradecendo — Ele quer vir aqui na quinta-feira. em seguida. Logo, ele mandou: “Acredito que antes de você ir para a Bahia ainda dê para a gente se ver”. “Como?”, respondi. “E se eu fosse para Ferraz na quinta ou sexta? (risos) Como estou de férias, poderíamos combinar de passar o dia juntos. Em algum parque por aí, e o Arthur passaria o dia com a gente.” “Na quinta”, respondi de volta. “Na sexta estará corrido, estarei arrumando as coisas para a viagem no dia

seguinte.” Ele logo disse: “Na quinta, qual o horário que você acha melhor eu chegar aí?”. “A hora que você conseguir.” “Olha que eu amanheço aí na porta”, ele respondeu. Ao chegar em casa, corri para Verônica, minha prima, e falei meio receosa: — Encontrei alguém. Tivemos um encontro ontem. — O quê? — ela indagou espantada. — Como assim, Letícia? Como assim? Conte para ela como aconteceu, e ela logo perguntou: — Mas como ele é? — Toda precavida, ela falou: — Olha, tem que viver, você está nova, mas use preservativo para não vir outro Arthurzinho por aí. Olhei para ela com cara de surpresa, mas engoli seco e não retruquei; ela estava certa, apesar de eu ter dado só uns beijinhos. — Ele não trabalha? — perguntou num tom de preocupação. — Sim, ele trabalha, mas está de férias. O Oscar foi chegando na hora, quando a Vê exclamou: — Letícia está namorando, Oscar! Ele logo voltou seus olhos intrigantes para mim e indagou: — Com quem? — E pela segunda vez contei a mesma história. O Oscar sempre foi receptivo e logo perguntou, ao saber que o Júlio viria na quinta: — Que horas ele vem? Fala para ele vir cedo para tomar café com a gente. Quero ver se ele passa no teste — brincou. Aquele dia passou rápido; desfiz a mala e fiz minha atividade física rotineira. Troquei diversas mensagens com o Júlio durante o dia, que mostrou interesse em meus livros. Já tínhamos nos despedido, quando ele disse “boa noite”, e eu liguei para ele. — Alô — ele atendeu surpreso. — Confesso que não

esperava por essa ligação. Como uma simples ligação me fez ter a certeza de que era você a pessoa certa? — ele concluiu. — Não sei — respondi entre sorrisos. — Liguei para te dizer boa noite. — Saudades de ontem — comentei ainda. Ele disse: — Estava pensando aqui, ontem a essa hora. — Um pouco mais tarde — respondi. — Foi tão bom ter você deitada em meu peito, nos meus braços. Sorrii por um instante e completou: — É tão bom ouvir sua voz. — É bom ouvir a sua também — respondi. Logo ele sugeriu: — Vamos levar o Arthur para ver a Patrulha Canina no cinema na quinta? “Ele é diferente”, pensei comigo. “Legal, ele já está incluindo meu filho no segundo encontro; não esperava atitude diferente, mas ele realmente era especial.” — Claro, vai ser a primeira vez dele no cinema — respondi. — Mas aí a gente combina direitinho; provavelmente vai chover na quinta, então podemos mudar nossos planos do parque e ir ao shopping — ele falou. — Sua mãe me seguiu no Instagram mais cedo — comentei. — Conversei sobre você com ela hoje — ele disse sorrindo. Após uma pausa: — Conversou!? — perguntei, dando um pulo da cama em que estava deitada, derrubando o controle da TV que estava em cima de mim. — Que barulho foi esse? — ele questionou. — O controle caiu — falei enquanto pegava o controle do chão. — Você mencionou sobre a gente para sua mãe? Que empolgado — pensei em voz alta. — Que? Não entendi a última parte — ele perguntou. — Sua mãe — eu disse. — Ah, contei que

iria aí te ver na quinta. — Hum, entendi. — Vou ir dormir — ele disse meio sonolento. — Ansioso para quinta-feira — ele terminou. — Boa noite — respondi e desliguei o celular. A semana deslizou suavemente, como uma melodia que nos embala, e logo chegou a tão esperada quinta-feira. Acordei cedinho, ansiosa para recebê-lo. O dia estava envolto em uma leve garoa, mas nada poderia ofuscar o brilho daquele momento. Para ser sincera, eu amo dias chuvosos; eles têm uma magia própria, um encanto que acende a alma. Estava completamente apaixonada, como se cada gota de chuva sussurrasse segredos de amor. Pouco antes das 08h00, meu celular vibrou com uma mensagem: “Cheguei”. Meu coração deu um salto, uma dança de alegria e entusiasmo. Corri para abrir a porta, e lá estava ele. Ao nos encontrarmos, fui imediatamente envolvida por seu abraço. Ah, aquele abraço! Era como se já o conhecesse há muito tempo, um abraço que trazia a sensação de lar, de pertencimento. Era familiar de uma forma que palavras não conseguem capturar, um abraço que aquecia a alma. Depois que ele entrou, apresentei-o ao Oscar. Fiquei observando os dois conversarem, e era como se o tempo tivesse parado. A chuva continuava a cair lá fora, mas, dentro de mim, havia um sol radiante, iluminando cada canto do meu ser. — Chegou rápido — comentou o Oscar, com um sorriso acolhedor. — Não tinha trânsito — respondeu Júlio, um pouco envergonhado, mas com um brilho nos olhos que não passava despercebido.

Enquanto tomávamos café, me diverti com as inúmeras perguntas que o Oscar fazia para o Júlio. Era como se estivesse conduzindo uma entrevista, mas com um toque de humor e carinho. Por fim, Oscar brincou: — O teste é lavar os pratos — e caiu na risada, logo acompanhado por Júlio, que respondeu com um sorriso: — Isso é fácil. E já estava se levantando da mesa, disposto a lavar a louça, quando Oscar falou: — Estou brincando, na próxima vez você lava. Depois do café, levei Júlio até o escritório da casa para mostrar meu livro. Assim que ele se sentou, mostrei-lhe “Pequenos Detalhes”, e ele logo se interessou pelo poema “O Tempo”. Enquanto ele lia em voz alta, eu o observava calmamente. Ouvir meus poemas através de seus lábios era incrivelmente atraente; seus olhos brilhavam enquanto ele tecia as palavras que eu havia escrito. Estava fixada nele, ansiosa para ver sua reação. Será que ele estava gostando das minhas palavras? De repente, fomos surpreendidos por Arthur, que chegou timidamente perto de mim, olhando curiosamente para Júlio. Com uma vozinha tímida, ele mal conseguiu dizer: — Mamãe... — Oi, filho, esse é o Júlio — comentei, tentando tranquilizá-lo. Peguei Arthur no colo para dividir a atenção, enquanto Júlio continuava a leitura. Arthur sempre gostou de histórias e logo se enturmou com Júlio, a quem ele carinhosamente chamou de Caju. Júlio desceu para a sala, enquanto eu me arrumava com Arthur. Quando descí do quarto, Caju, com um sorriso espontâneo, disse: — Uau, que linda!

Onde você estava escondida esse tempo todo? — Bem aqui, bem aqui — repeti, sorrindo. — Você gosta de caju? — perguntou ele, brincando. — Sim — respondi, rindo. — Menos mal — disse ele, sorrindo, já que Arthur o chamava assim. Em seguida, caminhei até o quarto e apresentei a ele minha tia paterna, que estava acamada. — Olha, tia, esse é o Júlio — disse, enquanto ele carinhosamente apertava a mão dela. Pouco tempo depois, saímos. Ao chegar no shopping, fomos direto para a praça de alimentação. Durante nosso passeio, senti seu cuidado não só comigo, mas também com Arthur. Júlio estava atento a nós, compramos ingressos para o filme, que mal conseguimos assistir, pois Arthur pedia para ir ao banheiro a todo momento. — Quer que eu o leve? — perguntou Júlio, gentilmente. — Não, obrigada, eu o levo — respondi, apreciando seu gesto. Aquele dia foi perfeito. Após nos deixar em casa e conhecer a Vê, Júlio se despediu, e foi embora para sua casa, que ficava em outra cidade. Era uma quinta-feira, e no sábado eu partiria para a Bahia, onde eu reencontraria meu pai e irmãos, iria acompanhada pela minha irmã Deise. Enquanto a noite avançava, meus pensamentos se voltavam para o Júlio, e um misto de saudade e incerteza tomava conta de mim. “Poxa, ele acabou de sair e já estou com saudades”, pensei. “E se a gente der certo, o que vamos fazer? Se der certo, daremos um jeito. E se não der? Isso me preocupa ainda mais.” Ele vivia em outra cidade, e, embora a distância fosse de apenas uma

hora e meia de carro, não seria fácil nos vermos com frequência, talvez apenas nos finais de semana. Conhecemo-nos há menos de uma semana, mas ele já havia conquistado o Arthur e, de alguma forma, começava a consertar meu coração. Fazia tanto tempo que alguém não entrava na minha vida dessa maneira, e, agora que ele estava aqui, eu me sentia insegura, receosa. Confesso que havia esquecido como é intenso e desafiador se apaixonar por alguém. Sinto-me como uma novata no amor, como se todas as outras experiências não contassem. E talvez realmente não contem. Amar exige coragem, equilíbrio, e eu havia claramente esquecido o quão grande é esse desafio, especialmente quando se trata de um amor à distância. Na véspera da viagem, enquanto organizava as últimas coisas, meus olhos foram atraídos por uma folha rabiscada no fundo da gaveta de documentos. Ao examiná-la com cuidado, percebi que era uma carta que eu havia escrito para mim mesma. Tinha o hábito de enviar cartas para meu eu do futuro. A carta, datada de 19 de novembro de 2021, às 21:25, dizia: “Olá, eu do futuro... O Arthur está dormindo, ele é lindo. Agora ele tem 1 ano, 5 meses e alguns dias. Mas a questão não é ele, e sim você do passado. Estou debruçada sobre o caderno, sob a meia-luz do abajur, metade no tapete e metade no frio da cerâmica. Estou escrevendo na esperança de que você leia esta carta com o coração cheio de alegria por ter dado certo aí no futuro”. Na carta, eu descrevia minhas

aspirações de sucesso com meus livros, além de relatar os momentos turbulentos da minha vida amorosa do passado. Terminei a carta com um desejo sincero: “Tomara que você esteja lendo isso com um sorriso bobo e se sinta confortável nesse exato momento, seja ele qual for. Hoje, tive uma conversa com Deus, e fazia tempo que não era tão sincera com Ele. Espero que seja feita a vontade d’Ele. Logo irei para a Bahia. Espero que você esteja feliz. Com amor, Letícia de 2021”. Coincidentemente, eu estava prestes a ir para a Bahia, e minha situação amorosa atual era estável. Pensei comigo mesma: “Parece que deu certo, Letícia do passado”. E, com um sorriso no rosto, senti que estava exatamente onde deveria estar, pronta para abraçar o futuro com esperança e amor.



Capítulo 6

Na manhã de sábado, o dia da viagem, acordei com uma animação que iluminava meu coração. Seria o dia em que partiria para a Bahia, um lugar que sempre me trouxe paz e onde meus sonhos de infância floresceram. Rever meu pai, após quase um ano sem vê-lo, era um presente que eu mal podia esperar para desembulhar. Enquanto me preparava, um flashback da minha infância inundou minha mente, trazendo de volta a memória de quando minha avó ainda estava viva. Era uma tarde dourada, e estávamos brincando sob as sombras acolhedoras dos pés de cacau. Naquele dia, falávamos sobre o aniversário da vovó. Era o aniversário dela, e ninguém havia planejado nada. Nossos pais tinham saído, e lembramos que ela nos dissera que nunca havia recebido uma surpresa de aniversário, nem mesmo um bolo. Depois de um breve debate, decidimos fazer uma surpresa para ela. Estávamos na roça, longe da cidade, e o que podíamos fazer era preparar um jantar especial. Sempre fazíamos um culto, então o plano era surpreendê-la após a oração. Quando a noite caiu, preparamos um arroz em formato de bolo, decorado com carne por cima. Eu e minha irmã Patrícia ficamos

encarregadas de orar por ela, enquanto nossos irmãos, Deise, Maria e Estevinho, montavam a mesa à luz de velas. Durante a oração, alguém esbarrou nos talheres, fazendo um barulho que quase fez minha avó abrir os olhos. Patrícia, rápida, colocou os dedos nos olhos da vovó e disse: “Calma, a oração ainda não acabou!”. Cantamos parabéns, envolvidos por uma crise de risos, e nossa avó ficou radiante com a surpresa. Sentimos um orgulho imenso por termos proporcionado a primeira surpresa de aniversário para nossa querida vizinha. Voltar àquele lugar trazia à tona todos os momentos felizes que vivi ali, como um filme que se desenrolava diante dos meus olhos. O tempo voou, e logo percebi que estava quase na hora de partir. Terminei de arrumar minhas coisas e preparei o Arthur. No ônibus, a viagem levou um pouco mais de duas horas até que minha irmã embarcasse, em uma cidade próxima a São Paulo. As expectativas da viagem e das lembranças que me aguardavam na Bahia faziam meu coração bater mais forte, como se cada quilômetro percorrido me aproximasse não apenas de um lugar, mas de um pedaço de mim mesma. Ao avistar minha irmã, cumprimentei-a com um abraço caloroso. Ela logo comentou sobre o Júlio, e eu confessei que tudo estava acontecendo muito rápido. Com um sorriso sábio, ela disse: — O amor chega tão sutilmente, sem bater na porta, trazendo um turbilhão de emoções. Faz você sentir mil sensações em um só momento. Que louco, né? Do nada, o que estava

vazio agora está quase a transbordar. É o amor, e o amor não dá para explicar — completou, enquanto seu sorriso iluminava o ambiente. Fiquei parada, refletindo sobre aquelas palavras que, inesperadamente, faziam tanto sentido naquele momento. Eu e o Júlio continuávamos a trocar mensagens apaixonadas todos os momentos, cada palavra carregando a doçura de um sentimento crescente. Conversávamos sobre nossos dias, tentando nos conhecer e nos conectar ainda mais profundamente. Ele havia comprado dois dos meus livros e aguardava ansiosamente sua chegada, como se cada página fosse uma extensão de mim. Depois de 30 horas dentro do ônibus, finalmente chegamos à nossa cidade, onde minha irmã Maria e minhas sobrinhas nos aguardavam com abraços afetuosos. Após os cumprimentos de boas-vindas, comentei: — Meu Deus, que cansativo! Na próxima, quero vir de avião. Fomos rapidamente para a casa da minha irmã, tentando não fazer muito alvoroço, pois estávamos chegando de surpresa. Nosso pai não sabia que estávamos vindo, e, em cidade pequena, as notícias correm rápido. Chegamos, comemos e descansamos um pouco. Liguei para o Júlio e conversamos, sentindo a conexão que crescia entre nós. No dia seguinte, planejávamos visitar a roça onde meu pai residia. Ao amanhecer, levantei-me antes das seis, ainda sentindo o peso do sono. O sol baiano já brilhava no horizonte, iluminando nossa partida matutina com o objetivo de surpreendê-lo com nossa visita. No entanto,

ao chegarmos à roça, percebemos que ele não estava em casa. Enquanto esperávamos do lado de fora da antiga casa de campo, meus olhos vagaram pelos arredores, absorvendo as mudanças ao meu redor. O lugar, que outrora foi palco de tantas lembranças, parecia tanto familiar quanto transformado. — Como as coisas mudaram — declarei, enquanto meus olhos percorriam o horizonte distante. Deise, ao meu lado, comentou com um leve suspiro: — Mudou muita coisa, né? — Sim — concordei, rememorando os dias passados. — Aqui era repleto de vida. Nós infundíamos energia a este lugar. Nossa inocência era a sua essência. Vivíamos com o desejo de partir, sem perceber que, no futuro, anelaríamos voltar, ansiando por aquele tempo bom, um tempo que não retorna — concluí, olhando pensativamente para Deise, enquanto compartilhávamos um silencioso entendimento das memórias que ali permaneciam. Após uma breve pausa, declarei novamente: — Se eu soubesse que iria embora, teria aproveitado mais. Teria admirado mais aquele sorriso, aproveitado a calma do nosso paraíso. Todos nós, no fundo, sabíamos que um dia iríamos embora. Hoje, sinto saudades do tempo em que queria ir embora, do tempo em que não sabia o significado de ir embora. Queria voltar. Mas esse lugar já não existe depois que fomos embora. Ela hesitou um pouco e respondeu, sorrindo num tom descontrado: — Se a gente soubesse que iria embora, não iríamos tão cedo. De repente, um ruído se

aproximou da casa. Era a motocicleta do nosso pai. — É painho! — gritei. — Se esconde! — completou Deise. Painho entrou pela frente da casa, e nós, que estávamos nos fundos, gritamos juntas quando ele abriu a porta dos fundos: — Surpresa!! Ele, assustado, exclamou: — Oxi, o que vocês estão fazendo aqui? Corremos para abraçá-lo, contando nossa trama de chegar de surpresa. Após sermos acolhidas por nosso pai, que prontamente nos convidou para entrar e tomar café, guardamos nossas coisas, sentindo o calor do lar e a alegria de estar juntos novamente. — Já era quase noite, e a escuridão se aproximava lentamente, envolvendo o lugar em um manto de tranquilidade. Painho estava sentado na frente da casa, ajeitando a vara de anzol para irmos pescar. Aproximei-me dele e perguntei: — Como andam as coisas? — Bem — ele respondeu, com a serenidade de sempre. — Eu estou namorando — mencionei, com um sorriso tímido. Fazia apenas uma semana, mas já o apresentava como namorado, mesmo sem o pedido oficial. Meu pai não demonstrou muito interesse, talvez por não ser de conversar sobre esses assuntos. Fez algumas perguntas curtas e logo mudou de assunto: — Vamos pescar — disse, desviando-se da conversa. Descemos até um riacho, onde pescamos para relembrar os bons tempos e saborear um peixinho fresco. Meu pai criava alguns em uma represa. Na volta, passamos pela horta da família, que painho ainda cultivava, agora um pouco menor. As lembranças dos tempos em que

passávamos as tardes de sexta-feira ali, entre risos e conversas, sob o sol ou a chuva, inundaram minha mente. Aquele lugar continuava sendo meu lar, e as nossas risadas ainda ecoavam nos meus ouvidos. Afinal, o que é um lar, senão acolhimento e a liberdade de ser quem somos? E o que tínhamos era muita liberdade para sonhar, viver e nos permitir ser felizes. Assim que cheguei em casa, fui verificar se havia mensagem do Júlio. — Meu celular não está pegando sinal — mencionei ao meu pai, um pouco triste. Ele logo respondeu: — Aqui o sinal é ruim. Fiquei desapontada, queria falar com o Júlio e contar-lhe sobre meu dia. Sem sucesso, contive-me e fui jantar. Após o jantar, tirei da minha bolsa meu livro, “Pequenos Detalhes”, e entreguei ao meu pai, que, sorridente, me questionou: — Tu que fez, Lelê? — Como ele carinhosamente me chama. — Sim! — respondi contente, acrescentando — É seu! Ele agradeceu e me deu um abraço caloroso. — É pra ler — falei baixinho. — Vou ler — disse ele, sorrindo. Saí um pouco para fora de casa e fiquei estagnada com a quantidade de estrelas no céu. — Meu Deus! Olha esse céu! — gritei para minha irmã Deise. O céu estava esplendoroso, e fazia muito tempo que eu não via algo assim. Desde criança, sou apaixonada pelo céu. Aquilo me deixou maravilhada, e logo quis contar para o Júlio. Ele era aventureiro, mas aposto que jamais tinha visto um céu daqueles. — Vou tentar falar com o Júlio — mencionei para Deise, que estava ao meu lado,

contemplando a beleza daquela noite. — Tá apaixonada, né? — ela me perguntou, sorrindo. Tirei meus olhos do céu, olhei para ela sorrindo e, após um silêncio, acrescentei: — Estava sorrindo quando seus olhos castanhos me encontraram, e de uma forma genuína, ele me fez sorrir ainda mais. Depois de dizer essas palavras, toquei levemente em seus ombros e entrei na casa, onde meu pai estava com o Arthur. Painho mostrava a lanterna para o Arthur, que estava encantado. Os dois se divertiam quando passei por eles e falei: — Vou tentar falar com o Júlio. — Desde o último dia de chuva forte, meu celular não pega sinal aqui — ele comentou. Ainda bem que ele sabia que eu estava na roça e que o sinal era ruim, senão poderia achar que eu tinha dado um perdido, pensei comigo mesma. Dormir na cama do meu irmão Estevinho foi uma experiência cheia de carinho, pois ele generosamente cedeu seu espaço para mim e para o pequeno Arthur. Antes de dormir, falei para Arthur: — A mamãe vai contar uma história para você. — Então compartilhei uma narrativa para ajudá-lo a adormecer. Já meio sonolento, ele murmurou: — Mamãe, você é a maior escritora do mundo — exclamou Arthur, erguendo seus pequenos braços na minha direção, para me envolver em um abraço. Meu coração se encheu de alegria. Apesar de saber que, objetivamente, não era a maior escritora do mundo, mas naquele instante, para ele, eu realmente era. Na manhã seguinte, bem cedo, me juntei à minha querida tia Gilda para uma caminhada até

a fazenda da minha avó, que ficava a uma distância razoável, mas ainda assim acessível a pé. Caminhamos por cerca de 30 minutos, aproveitando o trajeto para conversar e rir, enquanto Arthur, cheio de energia, caminhava ao nosso lado por pura vontade. Ao chegarmos à fazenda, fomos recebidas pela minha avó materna, a quem eu não via há algum tempo. A nostalgia do reencontro foi suavizada pela pergunta que logo me veio à mente: “Aqui tem Wi-Fi?”. Minha avó respondeu que na casa do meu tio havia internet, instalada para que os meus primos pudessem estudar. Com essa informação, me apressei para a casa do meu tio, que ficava a cerca de 600 metros de distância. Ao chegar, cumprimentei-o com carinho: “Bença, tio”. Ele, com um sorriso no rosto, respondeu: “Deus te abençoe, minha linda”. Sem perder tempo, pedi a senha da internet, que ele prontamente forneceu. Meu celular vibrou com uma enxurrada de mensagens, mas fui direto à conversa com Júlio. Após ler suas mensagens, liguei para ele. Assim que atendeu, Júlio comentou: — O Caju está com saudades de vocês dois. — Ele mencionou estar com uma ligeira febre, mas ainda brincou dizendo — Sua mãe acha que é saudade de você. Com um sorriso, eu disse: — Melhora! — E ele rapidamente perguntou: — Você falou com seu pai sobre a gente? Como foi a surpresa? — concluiu. Confirmei que sim, havia comentado, mas mencionei que o sinal estava ruim, prometendo mais detalhes depois. Após desfrutar de um

breve período na fazenda da minha avó, apreciando a agradável companhia da minha querida tia Gilda e da minha avó, partimos em direção à cidade próxima. Durante minha estadia, fiquei hospedada na casa da minha irmã, alternando entre momentos tranquilos na fazenda do meu pai. Assim que cheguei à casa da Maria, tomei um banho revigorante e fui para o quarto brincar com Arthur e minhas sobrinhas. No meio da diversão, recebi uma ligação de Júlio. Sua voz soava diferente, um tom que eu não reconhecia. Perguntei preocupada: — Está tudo bem? — Ele respondeu que sim, e que meu livro havia chegado. Curiosa, perguntei se ele havia gostado. Júlio elogiou meu talento, mas confessou ter ficado um pouco abalado com o que leu. Intrigada, perguntei o motivo, e ele, num tom levemente enciumado, revelou que se tratava de poemas sobre amores passados e decepções amorosas. Surpresa, perguntei: — Sério? Você está com ciúmes do meu passado? Embora achasse a situação um tanto sem sentido, não pude deixar de me sentir estranhamente contente. Júlio admitiu: — Talvez um pouco. Não pode, amor? A palavra “amor” ressoou em meus ouvidos, e perguntei, entre sorrisos: — A-M-O-R? — Era a primeira vez que ele me chamava assim, meu estômago borbulhava de contentamento enquanto eu tentava manter a compostura. Ele reafirmou: — Você é o meu amor, ainda não sabia disso? Respondi, sorrindo timidamente: — Agora estou sabendo. Nesse momento,

minha irmã Maria entrou no quarto e pegou meu telefone, brincando: — Alô, tudo bem, cunhado? Após uma breve conversa com o Júlio, Maria me devolveu o telefone e perguntou, sorrindo: —Vai ficar a tarde toda falando com ele? Vem tomar café. E assim, com o coração aquecido, me juntei à família para um café repleto de amor e risadas. Passamos dias verdadeiramente memoráveis na Bahia, imersos na tranquilidade da fazenda do meu pai. Cada momento era uma celebração de alegria, especialmente na companhia agradável dos meus irmãos. Minhas sobrinhas, sempre cheias de energia, encontraram no Arthur um parceiro perfeito para suas brincadeiras, e eu me sentia imensamente feliz por revisitar minha terra natal. No entanto, não podia negar que contava os dias para retornar aos braços do meu amor. Em uma noite, Júlio, ansioso, digitou para mim: “Falta muito tempo?”. A sua impaciência transparecia nas poucas palavras, refletindo a saudade que ambos sentíamos. “Não, amor, falta pouco”, respondi, tentando tranquilizá-lo. Ele então mencionou que havia conversado com minha irmã Patrícia, que estava na igreja com minha mãe. “Queria te buscar na rodoviária, mas não consigo. Vou voltar a trabalhar amanhã”, ele escreveu, encerrando a mensagem com um emoji triste, que expressava sua frustração. Após um tempo de conversa, combinamos que eu desembarcaria na cidade da minha mãe. Nos encontramos à noite, no culto, e passaríamos um final de

semana juntos, já que eu chegaria numa quinta-feira. Depois, ele me levaria para casa no domingo. O dia de pegar o ônibus de volta finalmente chegou. Eu estava radiante e satisfeita, pois, apesar da viagem curta, aproveitamos intensamente cada instante. Poucas horas antes da partida, enquanto admirava a paisagem deslumbrante que se estendia no horizonte, meu telefone tocou. Era a Vê. — Já saiu? — Ela perguntou. — Ainda não, estou no caminho, indo para a rodoviária — respondi, sentindo a expectativa da viagem de volta. Após me desejar uma boa viagem, ela disparou: — Leticia, sonhei que você estava se casando. — Casando-me!? Eu vou me casar um dia — brinquei, rindo da ideia. — Menina, sonhei que você já ia casar e eu te falava que estava cedo, que você não conhecia ele direito. — Ela contou, espantada, como se o sonho fosse uma premonição. Rimos juntas daquele sonho maluco, que de alguma forma parecia prever meu casamento, considerado por muitos como repentino. A conversa com Vê trouxe um toque de humor e reflexão à viagem, enquanto eu seguia rumo ao reencontro com Júlio, ansiosa por tudo que o futuro nos reservava.



Capítulo 7

Ao chegar à cidade onde minha mãe morava, que agora também era a cidade do meu amor, senti meu coração pulsar com um entusiasmo indescritível. Estava vivendo um verdadeiro sonho, mergulhado em um amor recíproco e singular. Desde o primeiro instante, Júlio se mostrou gentil e afetuoso, revelando-me a essência de um amor leve e sereno. Cada momento ao seu lado era uma descoberta encantadora, onde a simplicidade e o carinho moldavam nosso relacionamento, tornando-o especial e inesquecível. Chegamos à tarde, e eu mal podia esperar para encontrá-lo. Havíamos combinado de ir juntos ao culto na igreja da minha mãe, que ele também frequentava. Por volta das 18 horas, ele chegou em frente à casa da minha mãe. Abracei-o com força, sentindo seu perfume e a saudade que nos envolvia. — Que saudades! — Ele sussurrou em meu ouvido, enquanto permanecíamos abraçados por um longo tempo. — Entra um pouco — convidei-o. Ele entrou e, ao avistar Arthur, correu para abraçá-lo. Logo era hora de irmos ao culto. Em pouco tempo, minha irmã Patrícia chegou à igreja, e sua presença trouxe uma alegria contagiante. Abracei-a calorosamente, e logo percebi

seus olhares e sorrisos discretos ao me ver ao lado de Júlio. Era evidente que ela compartilhava da felicidade que eu sentia, apreciando a cumplicidade e o afeto que transpareciam entre nós. Durante o culto, ficamos de mãos dadas, e, no início da pregação, Patrícia comentou: — Letícia, vou para casa. Estou com dor de cabeça e vou levar o Arthur. — Está bem — respondi. Após o culto, convidei Júlio para passar um tempo na casa da minha mãe, e ele aceitou prontamente. Assim que descemos do carro, ele disse: —Vai na frente, amor. Já entro. —Tudo bem — respondi, descendo as escadas. Ao entrar em casa, notei a luz apagada e não suspeitei de nada. De repente, ouvi a música “Thinking Out Loud”, do Ed Sheeran. Ao entrar na sala, vi balões espalhados por todo lado. Fiquei surpresa, sem palavras, enquanto compreendia a situação. No aparador, havia uma foto nossa do primeiro encontro em um porta-retrato adorável. Quando me virei, Júlio estava vindo em minha direção com um lindo buquê de flores. Minha irmã saiu do quarto com Arthur; ela havia voltado para casa mais cedo para preparar a surpresa a pedido de Júlio. Voltei meus olhos para ele, que, agora mais perto, segurava uma caixinha de alianças. Após me entregar o buquê, ele disse, com a voz trêmula de nervosismo: — Letícia, desde a primeira vez que vi seu sorriso, me apaixonei instantaneamente. Lendo seu livro, percebi que a palavra “sorriso” ou seus sinônimos aparecem inúmeras vezes. Isso mostra que, independentemente da situação, você

sempre está com um sorriso lindo no rosto, um sorriso que eu admiro muito. Após essas palavras, ele se ajoelhou e perguntou: — Você aceita namorar comigo? Meu coração disparava. Que momento! Que loucura, pensava. Conhecia-o há apenas 15 dias, mas tudo estava se desenrolando tão rápido. Além de atencioso, descobri que ele era romântico... Flores! Nunca tinha recebido flores antes. — Sim, meu amor! Sim! — respondi, puxando-o para um beijo. Minha irmã pulava de alegria na sala, brincando: — AH! Eu sabia de tudo! Passamos um bom tempo juntos naquela noite. Até que ele sinalizou que já estava tarde e precisava ir, pois trabalharia no dia seguinte. — Te levo até a porta — falei prontamente. Ele segurou minha mão e fomos até a escada, onde ele ficou um pouco mais. — Já vou! Tchau — ele disse. Respondi “tchau” com a voz baixinha, e ele confundiu com “eu te amo”. Ele então falou: — Eu também te amo. Você disse “eu te amo”? — Não, eu disse “tchau” — respondi. — Mas eu te amo — ele disse, e foi embora. Fiquei transbordando de felicidade. Ele tinha dito que me amava pela primeira vez, me pedido em namoro e me dado aquele buquê de flores lindas. Estava realizada. Passamos aquele final de semana juntos, conversamos bastante. Fomos ao parque jogar bola com Arthur. Até que chegou o momento de ele me levar para casa, como havíamos combinado. — Já estou com saudades de vocês — ele comentou no caminho. — A parte ruim é a distância — comentei. —

Estou disposto a suportá-la por você — ele falou, sorrindo e apertando minha mão. — Eu já sabia que ia encontrar você, de alguma forma sentia isso dentro de mim — disse, sorrindo e segurando sua mão de volta. Acrescentei com doçura: — Se formos honestos conosco e capazes de entender um ao outro, seremos felizes. Júlio me deixou em casa e partiu, deixando-me com a saudade do seu toque, do seu cheiro e dos seus beijos. Enquanto ele partia, me deixava envolver por uma mistura intensa de saudade e paixão. Refletindo sobre como eu havia mudado e o quanto desejava tê-lo por perto, pensava intensamente: “Quando estou longe de você, a vida perde um pouco do seu brilho, da sua calma, do seu sabor. As risadas não são tão empolgantes, e meus pensamentos só têm espaço para você. O que você fez comigo? Eu, que costumava aproveitar cada momento, agora vivo contando os dias para os finais de semana, só para poder te ver. Antes, achava clichê as pequenas gentilezas, até você chegar e me buscar para jantar, abrir a porta do carro, puxar a cadeira para eu me sentar, e me entregar flores. Hoje, vivemos rodeados de clichês que antes considerava bregas. Brega mesmo é não ser amada. Brega é não dançar com seu amor, dar boas risadas, tomar vinho, fazer vários nadas. Brega e ridículo é como o tempo passa rápido, como o final de semana acaba depressa. São tantos filmes em pausa, sorrisos bobos cobertos de beijos bregas na testa”. No dia seguinte, fui cedo levar o Arthur à creche. Embora não parecesse, ele

frequentava a creche regularmente. Após deixá-lo lá, fui surpreendida por sua professora: — Você é escritora? — perguntou a professora. — Sou — respondi, surpresa, imaginando como ela havia descoberto essa informação. Ela logo explicou que o Arthur havia mencionado à turma que eu era escritora e que contava diversas histórias para ele. Comentou que Arthur compartilhava essas histórias com seus colegas durante o horário de cochilo. Em seguida, ela perguntou se eu poderia contar histórias para as crianças da creche em um evento. Fiquei encantada e aceitei de imediato, afinal, contar historinhas para as crianças me traria muita felicidade. Aquela semana foi marcada por momentos felizes. Contar histórias para a turminha do Arthur roubou-me um pouco da atenção, permitindo que eu pensasse um pouco menos na saudade que sentia do Júlio. Mas o final de semana se aproximava, e tínhamos combinado de ir ao parque próximo à minha casa. Logo chegou a sexta-feira, o dia em que ele viria à minha casa. Eu estava amando as sextas-feiras, e o motivo de todo esse amor era que eu veria o Júlio. Quando ele chegou, me mandou uma mensagem: “Estou aqui na porta”. Ao abrir, ele sussurrou ao pé do meu ouvido: — Hoje eu vim te buscar para sair, para sorrir, sei lá, ser feliz. Quer ser feliz comigo? Respondi, embaraçada naquele sorriso calmo: — Quão doce é tua alma. — e, em seguida, comentei — Realmente, estou precisando sair para viver a vida, ouvir os idosos contar histórias bonitas, para que

no futuro sejamos um deles. Precisamos apreciar o viver, ter sabedoria para nos conhecer, ter bons amigos e compartilhar poemas e canções à beira-mar. 80 Mais tarde naquela noite, conversamos sobre o amor. Deitada no peito dele, olhando de perto cada detalhe do seu lindo rosto, comentei: — O amor é algo sutil e abundante. Simples e gentil. Doce, calmo e intenso ao mesmo tempo. Repentino e lento. Como pode ser tudo isso ao mesmo tempo? Eu não sei, são coisas do amor. O amor que, por sinal, eu amo amar em todas as suas formas e faces. O amor é carregado num buquê, numa letra de música, num minuto de conversa (risos). O amor vem em modo oração, num apertar de mãos. O amor tem suas maneiras, está na gota da chuva. Claramente demonstrado no sorriso de uma criança arteira. Ter amor e ser amor é ter sorte, e quanta sorte cabe num olhar preciso, num abraço quentinho. Quando terminei de falar, ele passou a mão levemente no meu rosto. — Como eu te amo, menina — disse, olhando fixamente nos meus olhos, me deixando desconcertada. No dia seguinte, fomos ao parque como combinamos, fizemos um piquenique, levamos Arthur nos brinquedos. Sentamo-nos um pouco e, de repente, Arthur falou: — Vamos naquele, papai? — Meus olhos foram diretamente de encontro aos de Júlio, que estavam lacrimejando de emoção. O Caju já tinha evoluído para papai, e a gente não tinha nem um mês juntos, mas aquele vínculo já era tão forte. Cheguei a me questionar se era o correto. Estou

conhecendo ele agora e, se não der certo, irá partir não só o meu coração, mas também o do meu filho. As intenções de Júlio pareciam boas, mas não impediam pensamentos intrusivos em minha mente precavida. Logo fui tomada por uma paz e a certeza de que estava no caminho certo. Na semana seguinte, teríamos um jantar na casa dele para conhecer sua família de perto. Ao chegar, a expectativa estava no ar. Júlio havia preparado um jantar especial, e fez questão de convidar minha mãe para participar. Além dela, minha irmã Patrícia e seu marido Rafael também estavam presentes. Daniel, um amigo próximo da família, completava o grupo. Tudo parecia perfeitamente orquestrado. Fui recebida com um misto de ansiedade e entusiasmo, especialmente por finalmente conhecer os pais de Júlio. Sentamos à mesa, onde ele serviu um bobó de camarão simplesmente divino, seguido por um pudim, que, sem dúvida, foi o melhor que já provei. A noite transcorria com uma harmonia envolvente. A família de Júlio nos acolheu com um calor genuíno, demonstrando empatia pela nossa relação e recebendo Arthur com carinho. À medida que a conversa fluía, o relógio já marcava quase 22 horas, quando Arthur, sonolento, pediu para dormir. Júlio, sempre atencioso, ofereceu seu quarto para que eu pudesse acordá-lo. Ao entrar, observei o ambiente: um espaço em preto e branco, meticulosamente organizado, que parecia refletir a personalidade de Júlio. Enquanto Arthur adormecia, eu me perdia em pensamentos,

tentando capturar memórias e impressões daquele lugar. Depois que Arthur dormiu, voltei para a área da churrasqueira, onde a animação continuava. Rimos e cantamos, até que Patrícia, em um momento de espontaneidade, fez uma declaração apaixonada para Rafael. Em seguida, ela se virou para mim com um desafio: — Agora é sua vez! — exclamou, apontando para mim. Surpresa e um pouco envergonhada, respondi: — Eu? Todos juntos incentivaram: — Vai, você é escritora! Com um sorriso tímido, perguntei: — Pode ser um poema? Após a aprovação geral, recitei o poema do meu livro “Pequenos detalhes”, com o coração acelerado e os olhos fixos nos de Júlio, que me olhava com um sorriso acolhedor: — O encontro dos nossos olhos nunca foi tão preciso como hoje. Raramente me fixo por muito tempo em algumas coisas, pessoas. Meu olhar, antes estava distraído, encontrou o seu, encontrou o amor e todas as outras coisas que vêm junto. A reação foi imediata: aplausos e gritos de incentivo. Ainda coberta de vergonha, brinquei: — Agora é a vez do Júlio! Ele, igualmente envergonhado, cantou um trecho de uma música, arrancando risos e aplausos. Júlio então segurou minha mão e nos afastamos um pouco, deixando os outros envolvidos em suas conversas e risadas. — Quer dormir aqui? — perguntou ele, arqueando a sobrancelha com um sorriso. — Não — respondi, quase instantaneamente. — Não? — ele repetiu, surpreso. — Acabei de conhecer seus pais, não acho que seria

apropriado — expliquei. — Então posso ao menos te levar para casa? — perguntou, com um tom intrigante. — Claro — respondi, sorrindo. No caminho, comentei: — Gostei muito da sua família. Seu pai é extremamente gentil, e sua mãe, adorável. Estávamos prestes a completar um mês juntos, um mês que havia passado em um piscar de olhos. Planejamos comemorar com uma viagem ao litoral, deixando Arthur aos cuidados da minha mãe e de Patrícia. A expectativa por essa nova etapa era palpável, e eu mal podia esperar para ver o que o futuro nos reservava. Acordei empolgada no dia seguinte, recitando poemas que vinham à minha cabeça: — O dia sorriu! Só é feliz quem vive... Meu sorriso distraído encontrou o seu, o amor e todas as outras coisas que vêm juntos. — Pensava em voz alta. — Mas, ora veja, que bom humor. — Minha mãe surgiu com uma xícara de café na mão. — Só o amor entende sem dizer palavras, só o amor decifra sorrisos, transforma abraços em abrigo — recitei, acariciando o rosto dela e sorrindo. — Olha, poemas de uma pessoa apaixonada! — Minha mãe comentou. Parei um pouco e falei: — É assustador o quanto escrever me acalma. Era de manhã, e mais tarde eu iria encontrar Júlio para viajarmos para a praia. Estava realmente feliz. — Que blusão é esse? — Ela perguntou, olhando-me de cima a baixo. Eu estava usando uma blusa que Júlio havia me dado dias antes, perfumada, para matar a saudade. Tinha acabado de acordar, e a blusa cobria meu short de dormir que estava

por baixo. Sorrindo, comentei: — Minha blusa preferida não é a que me deixa mais bonita. Saí sorrindo, deixando minha mãe com a xícara de café, balançando a cabeça em sinal de desaprovação. Corri para o quarto onde Arthur estava, sentindo a necessidade de estar perto dele antes da viagem com Júlio. A empolgação pela viagem era inegável, mas não conseguia afastar a pontada de culpa por deixar Arthur por dois dias. Acaricieei seus cabelos enquanto ele dormia, e sussurrei: — Mamãe vai precisar sair, está bem? Logo, logo mamãe volta para você. O abraço apertado que dei em Arthur já carregava a saudade antecipada. Quando Júlio chegou para me buscar, partimos para a viagem. Apesar de termos nos encontrado poucas vezes naquele mês, nossa conexão era intensa. Conversávamos o dia todo por mensagens e à noite por ligações, criando uma intimidade que parecia ter anos, como se nos conhecêssemos desde sempre, algo que até hoje não conseguimos explicar. Na estrada, o assunto das nossas avós surgiu naturalmente. Júlio, coincidentemente, também nutria uma admiração profunda por sua avó paterna. — Ela iria adorar você — comentei, entre sorrisos e suspiros. Continuei mergulhando em memórias: A vida era tão mais feliz quando ela estava conosco. O riso escapava fácil, tudo era cheio de cor e alegria. Mas o dia em que a perdi foi vazio, sem abraços, sem olhares profundos, apenas risos vazios, como um pote de nada cheio de vento. Naquele dia, a solidão era palpável, mesmo rodeada de pessoas.

Quem cuidaria do peixe no aquário vazio? Minha mente estava cheia, mas de pensamentos vazios. O sol brilhava lá fora, mas dentro do carro, conversando com Júlio, a melancolia me envolveu. Júlio, com seus olhos marejados, perguntou suavemente: — Você já estava aqui quando aconteceu? Instantaneamente, fui transportada para aquele dia vazio. Era um sábado, 27 de fevereiro de 2016, seis meses após minha chegada a São Paulo. Embora a tivesse visto em janeiro daquele ano. Já era por volta das 11h00 da manhã, enquanto nos preparávamos para almoçar, minha tia e Vê estavam na cozinha perto do meu quarto. O telefone dela Vê tocou, e, ao ver que era minha mãe, atendi. — Oi, Mainha — disse, empolgada. — Quero falar com a Vê — ela respondeu, com uma frieza que me fez perceber que o pior havia acontecido. Entreguei o telefone a Verônica, já chorando, e observei seu rosto, buscando respostas em suas expressões. Sem uma palavra, a leve mudança em seu semblante confirmou a notícia mais dolorosa da minha vida. Naquele dia, perdi minha adorável avó. Ela partiu em um sábado, um dia que costumávamos ser felizes, pois era quando nossos pais saíam e ficávamos com ela. Minha avó era, sem dúvidas, a pessoa mais doce que já conheci. Eu sempre ligava para ela nas sextas-feiras, sabendo que estaria à espera da minha chamada. Sempre que alcanço algo, penso em como ela ficaria feliz. Vou sempre carregar as boas lembranças dos momentos que passei ao seu lado, assim como sempre

sentirei a dor de sua ausência. Enquanto relatava a Júlio, as lágrimas escorriam. Júlio, visivelmente tocado, parou em uma lanchonete no caminho para que eu pudesse respirar. Desceu do carro, comprou uma água e, gentilmente, me ofereceu. — Como você consegue ser linda até chorando? — comentou ele, tentando me animar. — Linda? Meu nariz fica vermelho quando choro. — Você fica linda de qualquer jeito — respondeu, sorrindo e tocando minha testa de forma brincalhona. Logo retomamos nossa viagem. Ao chegarmos ao destino, paramos para almoçar e depois fomos ao mercado. Júlio planejava preparar um jantar especial no local onde nos hospedariamos. O lugar que ele escolheu era aconchegante, com um toque rústico. Havia uma cama charmosa, alguns aparadores, uma TV voltada para a cama, e a cozinha era visível do quarto. Conversamos e assistimos um pouco, até que Júlio se levantou calmamente para cozinhar. Ele iria preparar massas para o jantar, antes de começar, abriu um vinho e me serviu um pouco. Enquanto saboreava o vinho, observava-o cozinhando, um tanto desajeitado sob meu olhar atento. Dei um gole no vinho e comentei: — Você cozinhando e eu aqui, concordando com Edward Christopher quando diz: “E talvez nós tenhamos encontrado o amor bem aqui onde estamos”. Que sorte encontrar você e partilhar momentos como este. Ele se aproximou e me deu um beijo de tirar o fôlego. Em seguida, comentou: — Tenho tanta sorte de ter você. Pode esperar que vou cozinhar

bastante para ti. A noite prometia ser inesquecível, repleta de momentos que fortaleceriam ainda mais nosso vínculo.



Capítulo 8

Cada momento ao lado de Júlio era uma fonte inesgotável de alegria. Nossas conversas eram sempre especiais, e, a cada encontro, a certeza do que queríamos se solidificava. Os finais de semana, embora breves, eram intensos e cheios de significado, e a saudade se tornava uma constante, alimentando o desejo de estarmos sempre juntos. À medida que entrávamos no segundo mês de relacionamento, começávamos a descobrir as pequenas imperfeições um do outro. No entanto, essas imperfeições eram ofuscadas pelas inúmeras qualidades que Júlio possuía. Em um final de semana particularmente marcante, senti a saudade de forma avassaladora, e as lágrimas vieram pela primeira vez. Júlio, do outro lado da linha, tentava me acalmar com sua voz suave e reconfortante. — Calma, amor. Um dia te levo comigo. A promessa inesperada ressoava em meus ouvidos enquanto eu, ainda soluçando, tentava encontrar consolo em suas palavras. — Isso é uma promessa? Você precisa cumpri-la, entendeu? — insisti, buscando segurança naquela ideia. Com serenidade, ele

reafirmou: — Pretendo cumpri-la o quanto antes. Foi a primeira vez que discutimos a possibilidade de casamento. Júlio estava planejando comprar um apartamento, e, por coincidência, um primo dele tinha um à venda. As negociações começaram rapidamente. Ele enviou seus dados para aprovação do financiamento bancário, e tudo o que podíamos fazer era cruzar os dedos e torcer para que desse certo. Enquanto aguardávamos, o final de ano se aproximava, trazendo consigo a animação das festividades. Minha irmã Maria viria nos visitar, acompanhada de suas adoráveis filhas, trazendo na mala boas risadas e sabores da Bahia. O meu primeiro natal ao lado do Júlio se aproximava com a promessa de nós conectamos ainda mais. Entusiasmados com a chegada de Maria, decidimos, pouco antes do Natal, fazer um passeio até uma cidade vizinha. A cidade resplandecia com as luzes natalinas, criando um cenário de conto de fadas. Esta seria também a primeira viagem que reuniria minha família e a de Júlio. Após enfrentar uma longa fila de carros, finalmente conseguimos estacionar. Ao sairmos do veículo, fomos imediatamente tomados pelo brilho das luzes de Natal, que enchiam nossos olhos e aqueciam nossas almas. Crianças e famílias circulavam maravilhadas pelas atrações que animavam as avenidas e calçadas, compartilhando sorrisos e momentos de puro encanto. A noite prometia ser mágica e inesquecível. A felicidade de minha mãe era evidente, pois ela tinha suas quatro filhas reunidas ao

seu lado, uma alegria que transpareceu claramente na fotografia capturada por Júlio. A imagem congelou um momento de pura união e amor, simbolizando um Natal que permaneceria em nossas memórias para sempre. Depois de passearmos bastante e admirarmos a cidade iluminada, escolhemos um local tranquilo para finalmente relaxar e comer algo. Enquanto estávamos sentados à mesa, o telefone de Júlio vibrou inesperadamente. Era uma notificação da correspondente bancária. — Amor, é a mensagem do banco — disse Júlio, com um sorriso que misturava nervosismo e entusiasmo. — A essa hora? — perguntei, surpresa. Em seguida, incentivei-o a abrir a conversa. Ele pegou o celular, visivelmente ansioso. Ao abrir a mensagem, percebemos que havia um documento em PDF e um áudio de quase três minutos. — Ai meu Deus — murmurou Júlio, hesitando entre abrir o áudio ou o documento. — Vai, abre logo, pelo amor de Deus — disse eu, com um sorriso nervoso. Finalmente, Júlio abriu o documento e lá estava o resultado tão aguardado: APROVADO! Lemos juntos a notícia de que ele havia conseguido o financiamento, e a magia daquela noite se tornou ainda mais especial. Pulamos de alegria, nos abraçamos fortemente e rapidamente compartilhamos a novidade com amigos e familiares. A celebração foi instantânea, e o futuro, que até então parecia distante, de repente ficou muito próximo e real. Com a aprovação para a compra do apartamento, os planos para o tão

sonhado casamento começaram a ganhar forma. Aquele momento não era apenas uma conquista financeira, mas o início de um novo capítulo repleto de sonhos e esperanças renovadas. Voltamos para casa, ainda eufóricos com a notícia que aquecia nossos corações. Mais tarde, naquela noite, conversei com minha irmã Maria sobre Júlio e sobre como tudo estava acontecendo rapidamente. Não havíamos completado três meses juntos, e já falávamos em casamento, com ele prestes a adquirir um apartamento. Comentei sobre Júlio, destacando sua gentileza, educação e atenção. Claro, todos temos nossos defeitos, mas suas qualidades eram inegáveis e faziam com que cada momento ao seu lado fosse especial. Embora ache a palavra “defeito” pesada, diria que são apenas falta de habilidades em determinadas situações ou convicções. Eu, por exemplo, não tenho tanta habilidade em esperar, e não considero isso um defeito. “Defeito” me remete a algo quebrado, inútil, o que claramente não descreve pessoas. No dia seguinte, o sol brilhava intensamente, aquecendo o dia, enquanto Júlio expressava seu carinho através de mensagens carinhosas. Em uma dessas mensagens, ele perguntou: — Quer passar o Natal com a minha família? A proposta era tentadora, mas havia um pequeno desafio a ser superado. — Difícil, temos três casas para visitar. Como vamos fazer? — respondi, ponderando sobre a logística. Após algumas conversas, chegamos à decisão de alternar entre a casa da minha mãe e a dele no dia 24,

já que ambas estão na mesma cidade. No dia 25, planejamos almoçar na minha casa, na companhia da Vê e do Oscar. Nos dias que antecederam o Natal, fiquei na casa da minha mãe, aproveitando cada instante na companhia das minhas sobrinhas e da minha irmã. Sempre adoramos compartilhar momentos especiais juntas, relembrando nossas aventuras e travessuras de infância. Aqueles dias eram vibrantes e recheados de cores, não apenas pela alegria de ter minhas irmãs e sobrinhas por perto, mas também por estar próxima do Júlio, com quem me encontrava todos os dias enquanto eu estava na casa da minha mãe. Esses dias passaram como um piscar de olhos, e rapidamente chegou o dia 24, a tão esperada véspera de Natal. Naquele dia, após um breve e caloroso encontro na casa da minha mãe, partimos para a casa de Júlio. Ao chegarmos, uma surpresa nos aguardava: debaixo da árvore de Natal, havia uma bicicleta que Júlio havia comprado para Arthur. O pequeno, com os olhos brilhando de alegria, imediatamente começou a pedalar, enquanto todos ao redor trocavam presentes com entusiasmo. Observando aquela cena, não pude deixar de refletir sobre como essas pessoas se tornaram tão especiais em tão pouco tempo. Era como se eles já estivessem destinados a fazer parte da minha vida antes mesmo de eu deixar minha terra natal. Tudo o que estava acontecendo parecia envolto em uma aura mágica, tão encantadora quanto o sorriso que dei quando Júlio se apaixonou pela primeira vez. Após o

término das festividades de fim de ano, Júlio nos surpreendeu com um convite especial: uma viagem para comemorar nossos três meses juntos. Embora estivéssemos acostumados a viajar frequentemente com minhas irmãs e minha mãe para praias e cachoeiras nos arredores, quase todo final de semana, essa viagem prometia ser diferente. Júlio estava preparando algo especial. Partimos para uma praia no interior do Rio de Janeiro, um lugar de beleza indescritível. Acordamos cedo e aproveitamos a manhã na praia, sentindo a brisa do mar e o calor do sol. Quando chegou a hora do almoço, nos dirigimos a um restaurante encantador à beira-mar. Enquanto fazíamos o pedido, Júlio se levantou de repente e disse: — Amor, esqueci a carteira no carro, vou buscar. — Está certo — respondi, sem suspeitar de nada, já que o carro estava estacionado ali perto. Para minha surpresa, Júlio retornou não com a carteira, mas com um par de alianças de ouro. Seus olhos brilhavam intensamente, e suas mãos tremiam levemente. Com a voz embargada pela emoção, ele declarou: — Eu quero... Quero um sorriso bobo de manhã. Uma ligação inesperada no meio do seu dia agitado. Quero conhecer o mundo com você, ver filmes aleatórios agarradinhos. Quero explorar novos lugares e sabores. Que sorte teríamos se víssemos o céu cheio de estrelas de mãos dadas. Quero ver o sol nascer e nosso amor crescer. Eu quero o mundo com você. Letícia, você aceita se casar comigo? Segurei sua mão trêmula,

sentindo uma mistura de nervosismo e entusiasmo. Ele estava ali, diante de mim, me pedindo em casamento. — Meu Deus! Sim, eu quero viver tudo isso com você, meu amor. Eu quero me casar com você! Ainda atônita e transbordando de felicidade, ele me deu um beijo salgado, com gosto de mar e de pura alegria. Colocou o anel no meu dedo, seus olhos castanhos brilhando de emoção. Arthur, ao nosso lado, assistia à cena sem entender completamente, mas sentindo a magia do momento. Enquanto admirava o anel em meu dedo, o garçom chegou com nosso pedido. — Você já tinha comprado? — perguntei, surpresa. — Sim, minha mãe foi comigo escolher — respondeu, sorrindo. — Eu te amo, meu amor — disse, apertando sua mão ainda fria. Logo o pedido chegou, e eu ainda estava mergulhada em felicidade. Saboreei o camarão, que tinha gosto de felicidade e pitadas de amor. Meus olhos não conseguiam parar de se voltar para a aliança no meu dedo, risos soltos e olhares que cruzavam com os do Júlio, que ali na minha frente claramente expressava o real significado do amor verdadeiro. Desde o princípio, o Júlio sempre soube o que queria: tornar-me sua mulher. Ele em nenhum momento até ali hesitou; sempre demonstrou seus sentimentos através de flores, carinhos e cuidados, nunca mediu esforços para me fazer feliz. Ele claramente não só estava disposto a me fazer feliz, mas também a fazer feliz meu filho, que hoje o chama de pai. Foram essas pequenas e grandes coisas que fizeram

com que o sim saísse instantaneamente da minha boca. Mesmo em tão pouco tempo, eu sentia, no profundo do meu ser, que era ele a pessoa com quem queria dividir minha vida para sempre. Voltamos para casa no mesmo dia, meu coração batendo em um ritmo alegre. No caminho, fomos presenteados com um pôr do sol magnífico, como se o universo estivesse abençoando aquele dia inesquecível, encerrando-o com chave de ouro.



Capítulo 9

Ao chegar em casa, ainda radiante com o pedido de noivado, meu celular vibrou com uma mensagem de Júlio que dizia: “Obrigado por ser essa pessoa incrível ao meu lado. Espero ser alguém incrível para você também”. Além disso, ele havia postado uma foto minha e de Arthur, acompanhada de uma legenda tocante: “Um dia me perguntaram se eu sabia o significado da palavra AMOR... Naquela ocasião, não soube responder, até que um dia encontrei vocês. Hoje posso dizer que conheço o verdadeiro significado... Com vocês, aprendi a amar e a ser amado”. Essas palavras tocaram profundamente meu coração, reforçando a certeza de que Júlio era a pessoa certa para mim. Lágrimas de emoção escorriam enquanto eu lia aquelas expressões de amor. Curiosa, perguntei: “O que é o amor para você?”. Após um tempo digitando, ele respondeu: “Ali, não expliquei o significado da palavra amor, mas quero que saiba... Amor é estar disposto a cuidar de alguém como se fosse seu bem mais precioso. Amor é cuidar, respeitar, valorizar e se

entregar em todos os momentos. Dizem que o amor é inexplicável, talvez seja, mas quero que saiba que HOJE, tendo vocês, posso dizer que sinto um amor verdadeiro”. As palavras de Júlio fluíam como uma melodia, e ele tinha uma habilidade incrível de tornar tudo claro e profundo. Eu sorria, sentindo-me como a protagonista de um filme romântico e clichê que sempre desprezei, mas que agora vivia intensamente. A felicidade dentro de mim crescia a cada demonstração de afeto de Júlio. Eu havia encontrado o amor? A dúvida já não existia, e meus pensamentos se voltavam para nosso casamento, que começávamos a planejar junto com nossa família. Em um final de semana na casa de Júlio, enquanto conversávamos, ele me interrompeu, dizendo: — AAA ESSE SORRISO... — falou, acariciando meu rosto. — Vamos nos casar amanhã? Não suporto mais te ver só nos finais de semana — disse ele, com um olhar carinhoso. — Não, precisamos planejar — mencionei, rindo. — Vamos escolher uma data? — insistiu. — Vamos! — respondi, animada. — Quando serão suas férias? — perguntei. Ele comentou: — Setembro. Mas está longe, amor. Vamos nos casar amanhã — brincou, arrancando risadas. — Por mim, não fazemos festa. O que acha? — perguntei. — Eu quero festa, te ver entrando na igreja, meu sonho se realizará — disse, empolgado, gesticulando. — Então nos casamos no civil antes? O que acha? — sugeriu, sorrindo. Concordei: — Pode ser, se já tivermos nos mudado para o apartamento

até lá. — Em julho, vou para a Bahia para o aniversário da minha avó. Vamos? —perguntei. — Vou ver na empresa — Júlio concluiu. Após essa conversa, começamos a pesquisar fornecedores e dar vida aos nossos sonhos. Júlio ficou de verificar com a empresa se poderia dividir as férias, metade em julho, para ir comigo ao aniversário da minha avó e conhecer meu pai, e metade em setembro, para passarmos um tempo juntos após o casamento. A data já estava marcada: 7 de setembro foi o dia escolhido por nós para ser o nosso grande dia. Estávamos a sete meses de distância e já orquestrávamos tudo com entusiasmo e amor. Nossos dias eram uma mistura vibrante de alegria e correria, enquanto buscávamos incansavelmente fornecedores que pudessem atender aos nossos objetivos. Cada dia nos aproximava mais do tão aguardado 7 de setembro. Apesar das semanas parecerem intermináveis e os finais de semana passarem num piscar de olhos, mantínhamos o entusiasmo. Meu noivado era uma fonte constante de felicidade; Júlio me presenteava com flores, viajávamos bastante e aproveitávamos intensamente a companhia um do outro. Quando abril chegou, trouxe consigo a celebração do meu aniversário. Decidimos, como os aventureiros que somos, embarcar em nossa primeira experiência de acampamento juntos. Júlio veio me buscar no sábado pela manhã, e partimos cedo, cheios de entusiasmo por essa nova aventura. Eu tinha acampado algumas vezes na infância, enquanto Júlio tinha o hábito

frequente de acampar quase todo final de semana antes de nos conhecermos. Nosso amor pela natureza era um dos laços que nos unia profundamente. Assim que chegamos ao destino, escolhemos um local perfeito à beira de um lago azul cintilante. Júlio e Arthur, em perfeita harmonia, montaram nossa barraca, transformando rapidamente o espaço em nosso lar temporário. Com o sol ainda no horizonte, preparamos uma fogueira, e o aroma de marshmallows assados logo permeou o ar. Quando a noite caiu, trouxe consigo a inevitável presença dos pernilongos, que, apesar de incômodos, não conseguiram diminuir a magia do momento. Comparados às ricas memórias que estávamos criando junto a Arthur, pequenas picadas de inseto eram insignificantes. O Arthur foi, sem dúvida, quem mais aproveitou aquela experiência. Observá-lo radiante dentro da barraca, enquanto ouvíamos histórias sob o céu estrelado, aqueceu nossos corações naquela noite fria. Ainda naquele mês, fizemos uma viagem memorável ao Rio com Patrícia e Rafael. No meio do caminho em direção ao Rio, ia conversando animadamente com Patrícia. — Não vejo a hora de reencontrar a tia e as meninas — disse, enquanto apreciava a paisagem durante a viagem. Fazia seis anos desde a última vez que havia visto minha tia, e a saudade era grande. Minhas primas tinham sido parte essencial da nossa infância, sempre presentes e especiais. — Parece que foi ontem que éramos pequenas, e agora estamos visitando-as em

outro estado — comentou minha irmã Patrícia, com um sorriso nostálgico no rosto. — Nunca imaginei que nos mudaríamos para tão longe. Apesar de tudo, continuamos unidas — acrescentei, virando-me para olhar Patrícia, que estava sentada no banco de trás do carro. A viagem foi tranquila; ouvimos músicas, conversamos bastante e só fizemos uma parada para tomar café e usar o banheiro. Poucas horas depois, chegamos em Rio das Ostras, na casa da nossa prima. Fomos calorosamente acolhidos por ela e nossa tia, que já nos aguardavam. Foi um fim de semana maravilhoso, repleto de risadas e boas lembranças na companhia delas. Já era final de abril quando, numa tarde específica, estava no meu quarto planejando uma visita à cidade do Júlio no final de semana. Ele, eufórico, me contou que havia finalmente pegado a chave do nosso apartamento e queria que eu estivesse presente na nossa primeira entrada. Enquanto eu sonhava acordada com os planos, fui interrompida pela Vê, que entrou no quarto com um semblante triste, informando que a tia não estava bem e precisava ser levada ao médico. Após uma breve conversa, ela se dirigiu ao hospital, enquanto eu fiquei em casa, ansiosa por notícias. Na manhã seguinte, desci do meu quarto na esperança de encontrá-las dormindo, mas sem sucesso. Mandeí uma mensagem para Verônica, que, com voz preocupada, me informou que a tia não estava bem, recusava-se a comer e estava em observação, realizando exames. Aquela notícia foi como

um balde de água fria logo cedo. Meus pensamentos se voltaram para Deus, pedindo que tudo ficasse bem. Tia era a irmã mais velha do meu pai, ela sofria de Alzheimer e estava acamada há mais de cinco anos. Lembro-me do início da sua doença, quando eu já morava com ela e fazia de tudo para vê-la sorrir, tentando alegrar seus dias. Recordo também que suas últimas palavras foram meu nome, que ela repetia baixinho até parar de falar de vez. Enquanto tomava meu café da manhã, memórias de um dia específico inundaram minha mente. Recordo-me de como me sentia naquele dia, quando a tristeza me envolvia. Eu havia acabado de chegar a São Paulo e a saudade da Bahia era intensa, e, ao entrar na sala onde ela assistia à sua novela favorita, tive uma ideia brilhante: me fantasiei de velhinha, com um cabo de vassoura velho e um pano na cabeça, e entrei na sala contando histórias engraçadas com uma voz arrastada. Ao vê-la rir, senti minha alma aquecida. Aqueles minutos de descontração não só a alegravam, mas também me acalmava por dentro. Talvez ela nunca soubesse o quanto me fazia bem vê-la rir, ou talvez soubesse, pois sempre foi esperta. Tia Creuza era uma mulher forte, mas vê-la recusar comida me causava preocupação. Após o café, imersa em pensamentos e lembranças, comuniquei ao Júlio, e decidimos adiar minha viagem para São José dos Campos, adiando também nossa primeira entrada no novo apartamento. No dia seguinte, fui ao hospital ficar com minha tia,

enquanto Verônica voltava para casa para descansar e pegar algumas roupas. O hospital estava um caos devido a um surto de dengue, e tia seria transferida para um quarto para tratamento de uma infecção urinária. Ao chegar, encontrei-a deitada, e, após cumprimentá-la, apertei sua mão e recitei o Pai Nosso. Passei o dia lendo meu livro de poemas para ela, e, à noite, voltei para casa, pois o filho mais velho dela passaria a noite com ela. Revezávamos as visitas, até que ela foi transferida para o quarto, e minha prima Verônica ficou com ela. Em casa, eu ficava aflita; os exames mostraram alterações, e a tia continuava a recusar-se a comer, o que levou os médicos a recorrerem à alimentação por sonda nasoenteral. Aqueles dias eram sombrios. Conversando com Júlio por telefone, decidimos que ele viria na semana seguinte, pois eu precisava de sua presença. Foram dias de angústia, meu coração despedaçado a cada visita ao hospital. Ver tia tão frágil me destruía, e o sofrimento da Vê, sua filha, corroía-me ainda mais. Não conseguíamos falar sobre o estado da tia sem derramar lágrimas. Temíamos que ela nos deixasse a qualquer momento, e isso nos consumia lentamente. Certa noite, eu planejava dormir no hospital no dia seguinte, pois Verônica precisava voltar ao trabalho. Lembro-me bem daquela triste noite, quando Verônica, chorosa, comentou que temia o pior. A pressão da tia estava baixa, e ela só dormia serenamente. No outro dia, iria cedo para o hospital e passaria o dia e, possivelmente, a noite lá.

Tentei dormir cedo, pois precisava acordar às 5, já que meu primo, que acompanhava minha tia naquela noite, precisava sair cedo para ir ao trabalho. Ao chegar no hospital, lembro-me de ter subido as escadas até o décimo primeiro andar, pois não gosto de elevadores. Ao entrar no quarto, tia estava deitada, sonolenta, recebendo alimento por sonda. Um pouco mais afastada, havia uma senhora internada com sua adorável filha. Aproximei-me de tia, acariciei seus cabelos grisalhos e falei: – Oi tia! É a Letícia –Ela abriu os olhos lentamente, o que me deixou contente, mas logo adormeceu novamente. Conversei um pouco com a filha da senhora ao lado, que era alegre e espontânea. Estava acomodada na poltrona ao lado do leito da tia, quando dois médicos de plantão passaram. — Oi, dona Maria Creusa — disseram. Com semblantes sérios, voltaram-se para mim. Perguntaram o que eu era da tia, e, após informá-los que era sua sobrinha e que poderiam passar qualquer informação, um deles, que parecia ser o chefe, disse: — Precisamos da filha dela aqui. Franzi a testa, sem entender a situação. Minha prima estava no trabalho e já havia ficado bastante tempo afastada. Com um tom sério, perguntei: — Está tudo bem? — Os exames que fizemos mostraram alterações, e os rins estão prestes a parar de funcionar. Precisamos da sua prima aqui ainda hoje — insistiu. Quando aquelas palavras chegaram aos meus ouvidos, senti meus pés perderem o chão. Eu estava em choque, chorando como uma criança na frente dos médicos, que

tentavam me acalmar. Tremia, imaginando o pior. A acompanhante da senhora ao lado me ofereceu um suco de laranja, que recusei, percebendo que minha pressão havia caído. Em seguida, ela me ofereceu água, que logo tomei, sentindo o gosto salgado das lágrimas que escorriam no meu rosto. Após me estabilizar um pouco, os médicos explicaram calmamente: — Você sabe que sua tia tem Alzheimer, e essa doença progride. Hoje, sua tia desceu mais um degrau. Pode ser que ela melhore, mas isso é muito difícil, devido à idade e ao estágio da doença. Os rins dela estão parando, mas ela não está sentindo dor. Veja, ela está serena. Meus olhos se voltaram para o rosto da tia, e ela realmente estava dormindo serenamente. O médico tocou levemente os pés da tia, fazendo carinho, enquanto continuava explicando: — Precisamos da filha dela, porque, se ela regredir ainda mais e precisar ser entubada ou fazer hemodiálise, vale a pena para a idade dela? Se caso ela piorar e precisar reanimar, temos autorização? Cada palavra era como um soco no estômago, aumentando o nó na garganta. Após ouvi-los atentamente, informei-os que chamaria minha prima, enquanto as lágrimas ainda escorriam pelo meu rosto. Eles avisaram que tia estava partindo, porém não podiam prever o dia, poderia ser em poucas horas ou dias. Informaram também que mudariam o horário de visita para que ela pudesse ser visitada a qualquer momento. Após um leve toque no meu ombro em sinal de empatia, os médicos me

deixaram no quarto com a responsabilidade de contar para minha prima. O que eu faria? A moça ao lado me abraçou e pediu calma. Eu não poderia contar para Verônica naquele momento, eu claramente não estava preparada para falar. Na verdade, nunca estaria. Como contar para minha prima que a mãe dela estava partindo? Chorei bastante, acariciando a mão gelada da tia, que dormia tranquilamente, logo depois mandei uma mensagem para Verônica, que é professora e poderia estar em aula. Por isso, optei por enviar uma mensagem: — Vê, o médico disse que precisa de você aqui. Após ler a mensagem, ela me ligou de imediato. Atendi, tentando camuflar meu choro, que insistia em escapar. — Que foi? — perguntou, nervosa. — O médico disse que precisa de você aqui ainda hoje — repeti. — Pode falar, Letícia, quero saber a verdade — insistiu. E eu, entre choramingas, contei para ela toda a situação, repassando as informações que os médicos haviam relatado. Após saber, Verônica foi levada para casa pelas colegas de trabalho para pegar suas coisas e vir ao meu encontro no hospital. Até a chegada de Verônica, fiquei remoendo momentos felizes ao lado da minha amada tia, lembrando das risadas que dávamos na Bahia com a minha avó. Quando Verônica chegou ao hospital, pediu para descer até a sala de espera para conversarmos. Ao chegar na sala, meus olhos transcorreram diretamente para ela, que estava chorando. Abracei-a, e ela articulou as seguintes palavras: — Me conta de novo o que os

médicos disseram. E eu calmamente repeti o que eles disseram. Após ouvir, ela disse: — Estou achando que a mãe vai nos deixar. Não sei o que fazer. Vou falar com meus irmãos antes de tomar qualquer decisão. Ficamos um tempo ali e logo ela entrou para ver a mãe, e eu voltei para casa devastada e esgotada. Depois de chegar em casa, tomei um banho e liguei para Júlio, contando-lhe o que estava acontecendo. Ele viria me ver no dia seguinte. Posteriormente, ao contar para nossos familiares sobre a situação da tia, minha mãe e Patrícia decidiram vir com Júlio para visitá-la no hospital. Assim que Júlio chegou à minha casa e me avistou, ele logo me abraçou. Senti um alento imediato; eu realmente precisava daquele abraço. Antes de dormir, deitei no peito de Júlio, onde chorei como uma criança. — Estou com medo — disse entre soluços, enquanto ele fazia cafuné em meus cabelos, me acalmando e me fazendo adormecer. Acordei no dia seguinte, minha mãe já estava de pé. Com os olhos fixos nela, perguntei: — Quero levar Arthur para ver tia, o que a senhora acha? Verônica havia mencionado antes que levá-lo poderia impressioná-lo, pois ele era pequeno e tia estava com a sonda no nariz. “Talvez ele não entendesse”, ela alegava. — Leva ele — disse minha mãe. Assim, logo me arrumei e arrumei o Arthur para juntos irmos visitá-la. No caminho para o hospital, expliquei para Arthur: — Filho, a tia está doente, vamos visitá-la. Ele logo respondeu: — Eu sei, mamãe, vou curá-la. Fiquei

impressionada com suas palavras, mas acreditei ser apenas a imaginação fértil de uma criança. Chegamos ao hospital, subimos com Arthur, minha irmã, minha mãe e Júlio. O filho mais velho da minha tia também estava lá, e o clima era de despedida. Mas, para nossa alegria e surpresa, tia começou a melhorar, no dia seguinte, os exames da tia estavam melhores, algo que os médicos não souberam explicar. Ela estava melhorando, e, em um vídeo feito por minha prima, ela esboçava um sorriso no seu rosto meigo. Nossos corações tristes e dias turbulentos começaram a ganhar um pouco de esperança. Tia estava inexplicavelmente melhorando. Dias depois, ela finalmente recebeu alta. Embora clinicamente bem, enfrentávamos o desafio de alimentá-la por sonda, algo novo para nós. A alegria de tê-la de volta em casa enchia nossos corações, mas a aflição de não ter Vê presente no meu casamento começou a me preocupar. Tia, embora em casa, estava debilitada e precisaria de alguém com experiência para cuidar dela. Meu casamento seria na cidade do Júlio, e meu pai não poderia entrar comigo na igreja. Queria entrar com Oscar e ter Verônica como madrinha. Eles foram meu refúgio desde que fui morar com eles. Não os ter no meu casamento não fazia parte dos meus planos, mas a saúde da tia era incerta, e a data do casamento se aproximava rapidamente.



Capítulo 10

Cuidar da tia foi um aprendizado constante, mas, com amor e dedicação, conseguimos superar as inseguranças. Verônica, sempre atenciosa, cuidava da mãe com um carinho inigualável. Pouco tempo depois, finalmente fui para São José dos Campos para a tão esperada primeira entrada no nosso apartamento. Ao cruzar a porta, nossos olhos brilhavam de emoção e gratidão. O espaço era perfeito para nós três, e a expectativa de mudar para lá só aumentava. Poucos dias antes de ir para a Bahia, planejava me casar no civil, em 26 de junho. Em 2 de julho, viajaríamos para comemorar os 70 anos da minha avó, que há três anos anunciara uma grande festa de aniversário, desejando a presença de toda a família. Já estávamos em junho, mês do nosso casamento civil. Havíamos começado a transformar o apartamento em um lar que refletia nossa essência. Recebemos presentes generosos dos nossos futuros padrinhos de casamento. Além disso, a mãe do Júlio nos presenteou com uma geladeira, e o pai dele com um sofá, compramos uma cama para o Arthur. E dormiríamos na cama que o Júlio já possuía, os móveis planejados que o apartamento

continha facilitaria nossa vida. A proximidade do casamento civil trouxe uma mistura de emoções. Preparava-me para partir, deixando Verônica e Oscar, pessoas tão queridas para mim. Eles me apoiaram de forma indescritível quando engravidei, aos meus 22 anos. Lembro-me vividamente de contar à Verônica sobre a gravidez. Ela estava no sofá quando entreguei o exame que confirmava os cinco meses de gestação. Inicialmente incrédula, por não ter percebido antes, ela arregalou os olhos de surpresa, mas logo me envolveu em um abraço cheio de amor. Confesso que o Arthur veio para nossas vidas para nos dar alegrias, e ver o brilho nos olhos da Verônica toda vez que ela olha para o Arthur enche meu coração de uma forma que jamais poderei explicar. Afinal, tudo o que fizeram e fazem por nós não tem preço. Eles se tornaram especiais para nós. Não é à toa que os considero meus segundos pais. E a despedida para São José foi difícil. Claro, além do mais, não estava apenas partindo, mas também levando Arthur, que era tão apegado a eles. Após um discurso emocionado, prometemos à Verônica que visitaríamos todos os meses, promessa que mantemos até os dias de hoje. Entre abraços e lágrimas, partimos com Júlio, deixando Verônica e Oscar na porta, com olhos marejados. Enquanto o carro se afastava, as últimas palavras de Verônica ecoavam em meus ouvidos: “Leva a chave, aqui sempre será o lar de vocês”. Ao chegarmos em casa, Júlio preparou um jantar especial, que, de certa

forma, acalentou nossos corações. A semana passou rapidamente, e logo estava morando com ele. Enquanto jantávamos, admirava o Júlio, que comentava, com orgulho de si mesmo: — Finalmente consegui te trazer. Você não imagina o quanto sonhei com isso. Após dar um sorriso de “não acredito que ele está todo orgulhoso com isso”, respondi: — Parabéns, agora meu sorriso tem morada no mesmo teto que o seu. — Repete — disse, com os olhos cheios de brilho, que revelavam a alegria em segundos de vislumbre. — Você tem muita sorte, quis dizer — disse, sorrindo. — Concordo com você, meu amor — disse, dando um sorriso bobo. A rotina que começamos a criar era tranquila, e eu me encantava cada vez mais com o cuidado e carinho que o Júlio demonstrava. O dia 26 chegou, e acordei empolgada com o dia lindo que seria nosso casamento civil. Verônica e Oscar seriam padrinhos, mas, devido à rotina com a tia, não puderam comparecer. A esperança de tê-los no casamento religioso me consolava. Daniel, amigo da família, e Jéssica, irmã do Júlio, assinariam como padrinhos. Planejamos um almoço na casa dos pais do Júlio, Helena e Israel, e à noite jantaríamos em um restaurante famoso por pratos deliciosos de camarão. Após o café da manhã, vesti um lindo vestido branco e chamei Júlio para entrar no quarto. Seus olhos brilhavam de contentamento. — Parece que gostou do que viu — disse, sorrindo timidamente. — Você está incrível, amor. Que linda! — repetia, encantado. — Vamos nos casar

mesmo? — perguntou, sorrindo. — Somos duas pessoas apaixonadas que vão se casar em menos de um ano, você tem noção? Embora pareça que nos conhecemos há muito tempo, faz apenas alguns meses. E o melhor, sinto que Deus separou você para mim, assim como me separou para você, como se tudo que vivemos antes fizesse parte do caminho até te encontrar. Sou tão pequena, mas me sinto cheia do amor e da graça de Deus. Fui boba se duvidei um dia — disse, profundamente grata por tudo. Nos abraçamos por um momento e silenciosamente agradecemos por absolutamente tudo, todas as pequenas coisas que nos levaram até um ao outro. Dirigimos para o cartório, nervosos e eufóricos. Enquanto esperávamos, tiramos fotos para registrar o momento, capturadas por Jéssica. A cerimônia foi rápida, e em minutos trocamos alianças, tornando-nos oficialmente casados. Que momento lindo! Ao olhar para Júlio, tinha certeza de que queria passar o resto dos meus dias ao seu lado. De volta a casa, antes do almoço, minha mãe fez um discurso emocionado, seguido pelos pais do Júlio, que reafirmaram ter ganhado uma filha. Momentos de felicidade e sorrisos compartilhados à mesa. Estava casada com meu amor, menos de um ano após conhecê-lo, e já havia uma aliança dourada no meu dedo. Durante o almoço, falamos sobre o casamento religioso, ansiosos pelo grande dia. À noite, Arthur ficou com Helena, e Júlio e eu fomos jantar. No restaurante, relembramos nosso

primeiro encontro e a trajetória até aquele dia. Júlio comentou: — De todos os dias, o dia que te conheci foi especial. — O sol brilhou naquele lindo dia azul, é incrível como tudo pode mudar de repente — respondi, sorrindo. — Seu sorriso brilhou ainda mais — disse, “e percebi que estava apenas a um passo de alcançar o seu sorriso”. — Isso vai estar nos votos? Meu sorriso? — perguntei. — Não sei — respondeu, desviando o olhar. — Já começou a fazer? — insisti. — Ainda não. Quando você estiver na Bahia, faço, para não correr o risco de você ver — concluiu. — Queria que você fosse comigo, conheceria minha família de uma vez só — disse. — Imagina todos te olhando numa vez só — Brinquei. — Vou ficar com saudades, acabamos de casar — ele disse, segurando minha mão. — Vai passar rápido. Quando eu voltar, o casamento religioso já estará próximo — respondi. Júlio não conseguiu dividir as férias, mas em setembro teríamos bastante tempo juntos. A noite foi agradável, como sempre com Júlio. No dia seguinte, fui ver meu vestido de noiva, acompanhada por minha mãe e irmã Patrícia. Ao experimentar o segundo vestido, me apaixonei. Era ele! Dividir aquele momento com elas aumentou minha felicidade. O dia de viajar para a Bahia finalmente chegou. Estava triste por deixar Júlio, mas a viagem estava planejada bem antes de conhecê-lo. Embarquei com Arthur, Patrícia, minha mãe, três primas, um primo, uma tia e um tio. Praticamente lotamos o ônibus. A viagem foi tranquila e agradável, cheia de

momentos inesquecíveis. Em um trecho, enquanto todos dormiam, Patrícia e eu conversamos sobre meu livro “Pequenos Detalhes”, que ela lia durante a viagem. Ela elogiou minha habilidade de escrever, dom herdado da minha mãe. — Escrever é bom, esvazia o coração, acalma a alma e traz clareza à mente — disse, sorrindo. Refletindo sobre a vida e como tudo mudou rapidamente, digitei para Júlio: — Saudades de você. Tinha esquecido como é chato ficarmos longe. Conversamos durante todo o trajeto. Chegamos na sexta-feira à Bahia e fomos direto para a roça da minha avó, onde todos estavam reunidos. Se há uma família que fala mais alto que a minha, desconheço. Todos estavam felizes pelo reencontro. No dia seguinte, amanheceu chuvoso, mas isso não nos impediu de nos divertirmos. Começamos uma guerra de lama, e todos, inclusive as crianças, acabaram sujos. Após aquele final de semana inesquecível celebrando a vida da minha avó materna, seguimos para a fazenda do meu pai, que ficava ali perto. Já estava ciente de que ele não conseguiria comparecer ao meu casamento, pois seria em outro estado. Meu pai nunca havia saído da Bahia, e, embora eu já tivesse me conformado com a ideia, naquele dia tentei convencê-lo do contrário. Já era de tarde, a brisa corria tranquila e suave, painho estava sentado na sala, quando me aproximei dele com uma expressão de tristeza. — O senhor não vai mesmo ao meu casamento? — perguntei, tentando persuadi-lo. Ele, com seu jeito

rápido, respondeu: — Não vai dar, Lelê. — Meu pai justificou que precisava cuidar da horta, que demandava sua atenção constante. Ele mencionou que já havia separado o dinheiro para o meu vestido de noiva, que tinha um custo considerável. Tudo relacionado ao casamento parecia estranhamente caro. Desejou-me felicidade e, como Júlio ainda não o conhecia pessoalmente, prometi que o apresentaria formalmente no próximo ano. Também informei que entraria na igreja com Oscar, e ele pareceu genuinamente contente com a notícia. Após a conversa, fiquei refletindo sobre o fato de ele não ver sua filha favorita se casar. “Como ele consegue?” — pensei. Será que já não sou mais a favorita? Lembrei-me de uma vez em que minha mãe comentou que eu era a filha preferida dele, após questioná-la sobre por que meu pai sempre me chamava para ajudá-lo com mais frequência. Quando eu era pequena, nas sextas-feiras, costumávamos colher verduras e deixá-las em uma bancada. De madrugada, meu pai acordava um dos filhos para ajudá-lo a organizar tudo em uma lona para levar à feira. Percebia que ele me chamava mais frequentemente do que meus irmãos, e, na maioria das vezes, íamos ajudar emburrados, desejando continuar dormindo. Se soubesse, na época, que ele me chamava mais vezes por ser sua filha favorita, teria ido de bom grado. Fiquei imersa em pensamentos do passado por um bom tempo, até ser trazida de volta ao presente pela voz do meu pai, que me chamava com um

sorriso e uma vara de colher de coco na mão. Ele convidou todos para tomar água de coco, e aquele momento simples trouxe uma sensação de conforto e nostalgia.



Capítulo 11

Após uma semana revigorante na Bahia, voltei para São Paulo com o coração cheio de energia e gratidão. Os dias de reencontro com a família e a conexão com a natureza me deram a força necessária para enfrentar os meses agitados que se aproximavam. Um dia após minha chegada, já estava prestes a iniciar meu último estágio, uma etapa crucial no meu último ano de faculdade. Esse estágio seria em uma casa de repouso, e eu trabalharia até dois dias antes do casamento religioso, o que significava que teria muitas responsabilidades e preparativos para gerenciar nos dois meses seguintes. O casamento religioso estava planejado para acontecer em uma chácara deslumbrante, próxima à casa do Júlio. Visitamos o local alguns meses antes e nos apaixonamos imediatamente, tornando-o nossa única escolha. O pastor que celebraria nosso casamento era uma pessoa especial e querida, o que tornava o evento ainda mais significativo. Já havíamos encomendado o bolo e os doces, e todos os fornecedores estavam contratados: buffet, DJ, cerimonialista, decoradora e maquiadora.

Tudo estava cuidadosamente planejado para garantir que o dia fosse perfeito. Enquanto eu estava na Bahia, Júlio aproveitou para escolher seu terno com a mãe e também escreveu seus votos. Ao chegar em casa, fui recebida com flores, um gesto carinhoso que aqueceu meu coração. Compartilhei com Júlio as maravilhas da minha viagem, e, após uma conversa animada, decidimos visitar Verônica no final de semana seguinte. Meu primeiro dia de estágio foi uma experiência única. Ver os idosos na casa de repouso, embora bem amparados, longe de suas famílias, me fez refletir sobre a vida e despertou em mim o desejo de oferecer amor e carinho àqueles senhores. Pouco tempo depois, fomos à casa de Verônica, que nos aguardava ansiosa. Ao entrar no quarto da tia, fiquei aliviada ao vê-la estável, o que reacendeu minha esperança de ter Verônica e Oscar presentes no meu casamento. Cheguei a considerar a possibilidade de levá-la conosco, pois a chácara era acessível e ela poderia participar da cerimônia em uma cadeira de rodas. No entanto, percebi que, dadas as nossas limitações e a necessidade de priorizar o bem-estar dela, seria inviável. Os dias passaram voando, e a alegria de viver aquele momento especial coloria nossa rotina. Quinze dias antes do tão esperado 7 de setembro, Júlio e eu fomos surpreendidos com um chá de cozinha, cuidadosamente planejado pela amiga da minha mãe e minha irmã Patrícia. Cercados de brincadeiras e risadas, abrimos os presentes, e aquele instante acendeu

minha alma. Minhas tias animaram as atividades, e celebramos o amor que nos envolvia. Encerramos o dia felizes com os presentes e envoltos em harmonia, ansiosos pelo grande dia que se aproximava a cada instante. E com apenas sete dias para o casamento, a ansiedade fervilhava dentro de mim. Naquela manhã, acordei cedo, incapaz de conter a alegria, que me fez pular da cama antes das sete. A felicidade transbordava, e eu precisava expressá-la de alguma forma. Com Arthur e Júlio ainda dormindo, decidi ler minhas cartas do passado, na esperança de acalmar a ansiedade. Peguei uma folha de caderno e comecei a escrever uma carta para meu eu do passado: “Olá, eu do passado! Trago boas novas do futuro! Estou aqui, às 06:42 da manhã, debruçada sobre a mesa, incapaz de dormir mais um pouco devido à ansiedade de te contar... Sim, deu certo! Há menos de um ano, você encontrou o amor! Ele é gentil e loucamente apaixonado por você. Arthur o chama de pai. Hoje, você sente vontade de chorar, mas é de felicidade. Você está no seu lindo apartamento. Embora não more mais com a Vê, visita-a todos os meses. Sua faculdade está quase no fim, e você está no último estágio. Quero te dizer que valeu a pena manter aquele fio de esperança. Tudo se ajustou rapidamente! Deus foi bondoso, e estamos a sete dias do nosso casamento, realizando um sonho de infância. Estou tão feliz que não consegui ficar na cama e vim escrever para você. Casámo-nos no civil em junho, e tudo tem corrido

maravilhosamente bem. É uma felicidade imensa contar que tudo deu certo no fim, que o amor existe e ser verdadeiramente amada é maravilhoso. Graças a você, estamos a sete dias de um sonho, graças à sua fé em dias melhores. Encerro aqui, com a mesma fé em novas conquistas”. Terminei a carta imersa em lágrimas de felicidade. Logo depois, Arthur e Júlio acordaram, e assim começamos nosso dia. Entramos na última semana antes do casamento, e os convidados de outros estados começaram a chegar aos poucos, com tia Gilda e minha avó seriam as últimas, previstas para chegar no dia 6, véspera do casamento. Carregava dentro de mim a inquietação e a expectativa até o dia 7, questionando se tudo daria certo. Até ali, tudo havia se encaixado rapidamente, provando que não existe tempo certo para o amor. O amor simplesmente acontece, e havia transformado nossas vidas. Na mesma data do ano anterior, eu ainda não conhecia Júlio, mas agora estava prestes a realizar um sonho de menina, construindo um lar e uma vida. Na semana do casamento, Júlio e eu escrevemos cartas para nossos padrinhos e pais. Aproveitei para escrever uma carta para ele, ao vê-lo escrevendo para mim. Ele me entregaria no dia do casamento. Combinamos que eu me arrumaria na chácara, que tinha um quarto para as noivas. Fui à loja para uma última prova do vestido e, faltando apenas quatro dias para o casamento, troquei o vestido por um do mesmo modelo, mas um tamanho menor, que não

precisaria de ajustes. Foi uma troca impulsiva, mas certa. A sexta-feira chegou, véspera do casamento, e já havia começado agitada. Após ir fazer minha unha, fomos à rodoviária buscar minha avó e tia Gilda. Enquanto cumprimentava minha avó, uma tia querida, por nome de Aniela, que havia dito que não poderia vir, surgiu de surpresa. Ao vê-la, meus olhos se arregalaram, e corri para abraçá-la. — Eu não acredito! Eu não acredito! — repetia, chorando de emoção enquanto a abraçava. Ela, também emocionada, afastou meu cabelo molhado de lágrimas do rosto e disse: — Você acha que eu não viria? Tia Ane, como carinhosamente a chamo, era muito especial para mim. Morei com ela por um ano antes de ir para São Paulo, e sua presença no meu casamento era um presente inestimável. Eufóricas e alegres, fomos para meu apartamento, envolvidas em conversas sobre como orquestraram aquela surpresa. Aquele dia foi um prelúdio perfeito para o que estava por vir, repleto de amor e emoção. Ao chegarmos em casa e acomodar minhas tias e minha avó, Júlio preparou um delicioso café, logo deixávamos elas descansando. Em seguida, nos dirigimos à casa dos pais de Júlio, onde estavam todas as coisas que havíamos comprado para o casamento, além dos doces e do bolo, para que, assim, levássemos até a chácara onde aconteceria o casamento. Naquela noite, enquanto Júlio e seu pai descarregavam o carro, aproveitei para passar um tempo com minha mãe e Sônia, que seria minha madrinha de casamento, ambas já

estavam na chácara. Conversamos animadamente, e elas estavam encantadas com a beleza do local que escolhemos para a cerimônia. Cada abraço apertado que minha mãe me oferecia era repleto de amor e segurança, e cada sorriso dela, ao contemplar minha felicidade, despertava em mim uma profunda reflexão. Sua alegria era quase tangível, uma fonte de luz que enchia o ambiente. Seu sorriso, constante e sincero, lembrava-me de que foi através dela que conheci o Júlio, o amor que transformou minha vida. Minha mãe foi a responsável por pavimentar o caminho de felicidade que eu trilho agora, pois foi na igreja que ela erigiu com tanto cuidado que os olhos do Júlio encontraram meu sorriso pela primeira vez. O convite carinhoso que ela me fez meses atrás tornou-se a chave para este momento tão especial, em que todas as peças do destino se encaixaram perfeitamente. Imersa em gratidão, recebi uma ligação de Patrícia. Na casa dela, já havia convidados, e, no meio do barulho, ouvi sua voz animada: — É amanhã! É amanhã! — exclamou. — É amanhã! — confirmei, pulando de felicidade. — Estamos morando na mesma cidade, nem acredito! — disse ela, contente do outro lado da linha. — Sim, nem acredito que conseguimos — respondi. Logo ela informou que chegaria cedo ao sítio, já que o casamento estava marcado para às três da tarde. Combinamos que as mulheres da minha família se arrumariam lá, todas no quarto ao lado do meu. — Onde vai passar a lua de mel? — perguntou, curiosa. Informei

que passaríamos em uma cabana no interior de Minas. Desligamos, combinando de nos ver no dia seguinte. Logo em seguida, mandei uma mensagem para Vê: “Oi, tudo certo para amanhã, né?”. Vê já havia confirmado sua presença, mas não custava perguntar novamente. Ela havia compartilhado que viria cedinho, e a cuidadora, junto com meu primo, irmão da Vê, cuidaria da tia. A expectativa e a emoção estavam no ar, e cada detalhe parecia se encaixar perfeitamente para o grande dia, que se aproximava e estava agora a algumas horas de distância.



Capítulo 12

Voltamos para casa já tarde da noite, planejando descansar antes do grande dia. Júlio, segurando minha mão no caminho, comentou: — É amanhã, amor, tem noção? — O tempo está limpo, que continue assim — respondi, esperançosa. — Não vejo a hora de te ver entrando de noiva — disse, apertando minha mão e olhando fixamente para mim. — Meu Deus! Está acontecendo! — exclamei, sentindo a realidade do momento. Ao chegarmos, encontramos minha avó e minhas tias já deitadas com Arthur. Conversamos um pouco antes de nos deitarmos, mas a ansiedade não me deixava dormir. Rolei de um lado para o outro, até que finalmente peguei no sono. No entanto, acordei antes das 5 da manhã. — Meu Deus, por que estou acordada a esta hora? Preciso dormir para ficar bem durante o dia, não quero ficar com dor de cabeça — pensei, frustrada. Sabendo que não conseguiria ficar na cama, levantei e me ajoelhei, agradecendo a Deus por tudo que Ele havia proporcionado. Pedi proteção e que aquele dia fosse

maravilhoso, afinal, Ele havia feito tudo perfeito até ali. Após um tempo em oração, levantei e fui preparar o café da manhã para minhas tias, minha avó e Júlio. Queria montar uma mesa especial, mas acabei acordando minhas tias com o barulho. — Já está acordada? — perguntou minha tia ao sair do quarto. — Te acordei? Desculpa — respondi. — Acordei e percebi que não conseguiria dormir, então me levantei — expliquei. Tia Gilda, acostumada a acordar cedo para fazer exercícios, sugeriu, animada: — Vamos malhar? — Vamos! — concordei, junto com a tia Aniela. A ideia era genial, ajudaria a aliviar a ansiedade e ocuparia o tempo até os outros acordarem. A academia ficava no meu prédio, então descemos de pijama e blusas largas, afinal, àquela hora, só nós estaríamos malhando. Fui até a portaria pegar a chave da academia. O porteiro me olhou intrigado e perguntou: — Quem vai malhar é você? Meio sem graça, respondi que sim, eu e minhas tias. Ele olhou novamente e disse que não era permitido malhar sem tênis. Corremos de volta ao apartamento, 132 calçamos os tênis e fomos malhar até dar a hora dos outros acordarem. Após nosso breve treino matinal e tomar o café que preparei, fomos direto para a chácara onde eu me arrumaria. Júlio nos levou até lá e preparou uma mesa de frutas para mim. Na chácara, encontrei minha irmã Deise, que já estava lá com algumas pessoas da família. De repente, Júlio saiu, mas logo retornou com um buquê de rosas nas mãos e a carta que havia escrito

para mim dias antes. Ele me entregou ambos, deu-me um beijo e partiu, deixando-me com minha mãe, irmãs, tias e primas. Arthur estava em um espaço brincando com outras crianças, e mais tarde Patrícia o arrumaria, pois ele entraria com nossas alianças. Ao ver Júlio partir, tive a certeza de que o próximo encontro seria no altar. As flores que ele me dera, a carta e a presença calorosa da minha família tornavam aquele dia inesquecível. Com o coração transbordando de alegria, imaginei o grande dia finalmente ter chegado. Um turbilhão de pensamentos invadia minha mente, lembrando-me de toda nossa trajetória até aquele momento. Será que tudo sairia conforme planejado? Com esses pensamentos, dirigi-me ao quarto para ler a carta que ele havia escrito para mim. Ao entrar na sala reservada, deparei-me com um café da manhã cuidadosamente preparado por Júlio. Ele havia montado uma mesa com frutas e outras delícias para eu me alimentar ao longo do dia. Sentei-me ansiosa para ler suas palavras, quando a sala se encheu de mulheres curiosas para saber o que meu amado havia escrito. Na carta, Júlio dizia: *“Amada Letícia, Enfim, chegou o nosso tão sonhado grande dia! Quero que saiba que é um prazer imenso dividir esses momentos especiais e minha vida com você. Sei que os últimos dias foram corridos e cansativos, e estávamos ansiosos por este momento. Se algo não sair como esperado, me perdoe e fique tranquila. Quero que saiba que te amo muito e estarei sempre ao seu lado em todos os momentos.*

Preparei algo simples, mas feito com muito amor e carinho, pensando no seu bem-estar. Cuide-se, amor da minha vida. Te amo muito. Te vejo no altar, Do seu amor, Júlio". — Que fofo, que romântico! — exclamaram as mulheres ao meu redor, enquanto eu, emocionada, sentia-me repleta de felicidade e êxtase. Após ler a carta, fui envolvida em abraços e logo me dirigi ao salão de festas para verificar se os colaboradores haviam chegado. A alegria contagiava o ambiente, que, aos poucos, ganhava forma. A decoradora chegou, seguida pelo pessoal do buffet, tudo orquestrado para ser um dia perfeito. Pouco antes das 10, Verônica e Oscar chegaram, trazendo ainda mais alegria àquela manhã de. Ao avistar Verônica, corri ao seu encontro, e lágrimas de alegria e alívio rolaram pelo meu rosto. — Não chore — disse Verônica, também emocionada. — Hoje é dia de alegria, dia de festa. Envolvida nos últimos detalhes da decoração, meu celular vibrou. Era Júlio. "Amor, eu amei sua carta. Quer dizer que o textão vai estar nos votos?", escreveu, sorrindo. Na minha carta para ele, eu dizia: *"Amor, nosso tão esperado dia chegou! Feliz por ser você o homem e amor da minha vida. O textão está nos votos, kkk. Te vejo no altar, meu lindo. Não demora. Te amo. Com carinho, sua mulher"*. Enquanto respondia Júlio, fui avisada de que a moça que faria minha maquiagem e cabelo havia chegado. Fui para o quarto me arrumar. A alegria tomava conta de mim, mas a ansiedade e uma leve dor de barriga começaram a

aparecer. O grande dia havia chegado, e eu estava a poucas horas de entrar no altar e vê-lo me esperando. Tudo passou tão rápido. Ainda me arrumando, recebi uma mensagem de Júlio: “Amor, eu já cheguei”. Ele já estava no local do casamento, a poucos passos de onde eu estava. Envolvida por uma mistura de felicidade e ansiedade pela tão esperada hora de vê-lo, terminei a maquiagem e o cabelo. A cerimonialista sinalizou que o casamento aconteceria no horário marcado, às 15 horas. “Ufa, não precisaria esperar muito para entrar na cerimônia”, pensei comigo. Um pouco antes de entrar, minha mãe, Verônica e tia Aniela me ajudaram a colocar o vestido. Em seguida, coloquei um lindo par de brincos de pérolas que Verônica me dera dias antes do casamento. O casamento finalmente estava acontecendo, na chácara tinha uma capela aberta, onde aconteceria a cerimônia. Assisti à entrada dos convidados enquanto esperava para entrar. Minha prima fez uma live do casamento, pois minha irmã Maria e meu irmão Estevão, junto com meu pai e outros parentes que ficaram na Bahia, queriam participar de alguma forma. A live no Instagram foi um sucesso, e aproveitei para assistir à entrada dos padrinhos e, claro, de Júlio. Quando ele entrou, pensei: “Como está lindo!”. Ele vestia um terno azul-marinho, que combinava perfeitamente com ele. Azul marinho combina com ele. Tremia de emoção, segurando o celular. Assisti ao Arthur entrar com as alianças, correndo em direção a Júlio. Aquele dia que

tanto sonhamos e planejamos há sete meses estava finalmente acontecendo. Após todos entrarem, a cerimonialista leu uma mensagem, e eu me preparava para entrar, ao som do tum tum do meu coração, que batia em entusiasmo. A marcha nupcial começou a tocar, junto com “Perfect”, de Ed Sheeran, e eu comecei a entrar, acompanhada de Oscar. Avistando Júlio, que estava de costas, ele logo se virou para mim. Tentei segurar as lágrimas ao vê-lo no altar, chorando, à minha espera. Caminhava serenamente até o altar naquela linda tarde, os convidados e padrinhos estavam maravilhosos. Tudo estava perfeitamente além do que imaginávamos. Meu sorriso ia ao encontro a minha felicidade. A harmonia daquele lugar fez com que o dia fosse especial. As flores, escolhidas detalhadamente por mim, deixavam o ambiente ainda mais lindo, embora o local já fosse encantador por si só. O pastor que conduziu a cerimônia envolveu os convidados com sua graça, e todos choravam de emoção e felicidade. Permanecemos lá, de mãos dadas, Júlio e eu. Nossas mãos, suadas de nervosismo, capturavam os fragmentos daquele momento. Após o pastor compartilhar uma breve e emocionante mensagem, chegou o esperado momento da troca das alianças. Júlio seria o primeiro a ler seus votos, sem demora, Júlio pegou a folha de votos, e percebi que suas mãos tremiam levemente. Ele me lançou um sorriso rápido, antes de voltar sua atenção para o papel em sua mão esquerda. Com voz firme, ele começou: — Eu

gostaria de começar agradecendo a Deus por nos trazer até este altar e nos permitir viver este momento tão lindo. Gostaria de lhe dizer o quanto sou apaixonado pelo seu sorriso e o quanto ele teve um papel importante na história que estamos construindo. *Se não fosse aquele seu sorriso desprezioso na primeira vez que a vi, talvez hoje não estivéssemos aqui celebrando o nosso casamento. E olha que o sorriso não foi para mim e muito menos eu era o motivo dele. Só sei que, quando o vi, me apaixonei de forma genuína. Mas também, como não se apaixonar? “Além de linda, cristã, ter um sorriso lindo e ainda é escritora. Me conquistou facinho!”.* Confesso que, nos primeiros dias, tive medo. Pensava em como faríamos para dar tão certo. Passou pela minha cabeça que talvez não daria certo por conta da distância. Como assumiríamos um relacionamento morando em lugares diferentes? Como faríamos para nos ver aos finais de semana? Enfim, para essa e outras perguntas, a resposta é a mesma: quando Deus tem um propósito na vida das pessoas, não há nada que possa impedir. Ao passar dos dias te conhecendo melhor, pude perceber que o seu sorriso é um reflexo de como você enxerga os pequenos detalhes da vida. Aliás, no dia em que te pedi em namoro, eu lhe falei isso: em seus poemas e poesias, quase sempre vem acompanhado de um sorriso ou algum sinônimo, independente do momento ou das circunstâncias. Continue sempre com esse sorriso admirável e fascinante no rosto. Em você encontrei o

que pedi a Deus em oração. Encontrei o amor quando te encontrei; encontrei o amor em todos os detalhes: no seu sorriso, no seu olhar, no seu toque, no seu beijo, no seu abraço, no seu carinho, em nossas risadas, em nossas brincadeiras, até mesmo em uma simples conversa por ligação antes de dormir. Com você pude perceber que cada pequeno detalhe é muito importante. Pois bem, quero aproveitar para lhe agradecer por estar ao meu lado em todos os momentos que passamos e todos os que ainda estão por vir, por ter sido paciente e por me amar. Te amo muito! Dito isso, Letícia Alves, meus votos contigo são: te amar como Cristo amou a igreja, te proteger, te respeitar, ser um bom marido, amigo, e ser um bom pai para nossos filhos. Prometo nunca deixar faltar a banana-da-terra (risos). Com você, quero compartilhar boas memórias e bons momentos. Quero partilhar a minha vida com você. Após arrancar sorrisos e lágrimas dos convidados com seus votos, Júlio finalmente pegou minha aliança para colocá-la em meu dedo. Enquanto deslizava suavemente a aliança no meu dedo, Patrícia cantava uma linda música. Ainda agraciada por suas belas palavras, que haviam me transportado para longe em pensamentos, peguei minha folha de votos, sorri timidamente para ele e declarei: — Dizem que o amor é cego, mas eu discordo e ousa a dizer que: O amor é o único que consegue enxergar além dos defeitos e imperfeições. Só o amor decide ficar, somar, dividir e compartilhar. Através do amor, duas

peessoas com pensamentos diferentes decidem trilhar um só caminho. Juntos ali, onde o meu e o seu se tornam “nossos”. Júlio, ao ler estes votos para você, estou nervosa, rodeada de pessoas incríveis testemunhando nosso amor em um lugar bonito. Isso significa que você passou pelo temido teste do Oscar (risos). É também a prova de que vencemos a saudade. A propósito, você cumpriu sua promessa de um dia me levar contigo. O dia de hoje ficará para sempre na minha memória, assim como o dia em que te vi pela primeira vez, tal como a sensação de receber sua primeira mensagem, e que mensagem, diga-se de passagem, da mesma maneira que jamais esquecerei do nosso primeiro jantar. Como esquecer minha mãe e Daniel narrando nosso primeiro encontro, nas semanas que se seguiram? Foram momentos ímpares até chegarmos aqui. E aqui, meu amor, vejo o cuidado de Deus. Agora sei que cada detalhe deste dia já estava meticulosamente planejado por Ele. Deus foi tão bondoso ao juntar nossas vidas, que, antes mesmo de seu olhar encontrar meu sorriso naquela tarde de primavera, Ele já havia reservado este momento incrível para nós. Me encanta saber que já somávamos em orações antes de nos conhecermos. Estou inteiramente grata por ser você a resposta das minhas orações. Ao seu lado, descobri a felicidade de um amor gentil. Encontrei companheirismo e cumplicidade, acompanhados da vontade de dividir minha vida com você. Obrigada por sempre cuidar de

mim e do Arthur. É lindo ver o quanto nosso filho te ama, o quanto é verdadeiro e único o laço entre vocês. Paulo Coelho disse uma vez que, pelo brilho nos olhos, desde o começo dos tempos, as pessoas reconhecem seu verdadeiro amor. E eu vejo o amor refletido nos seus olhos castanhos toda vez que você me olha. Dito tudo isso, a única coisa que te peço é que jamais deixe de me olhar, pois sempre sorrirei para teu olhar com a certeza de que meu olhar pertence ao teu! Eu amo você. Em seguida, coloquei a aliança em seu dedo, e finalmente nos beijamos, aclamados pelos convidados. Após o fim da cerimônia, tiramos algumas fotos e entramos no salão para a dança dos noivos. Enquanto dançávamos, parecia que deslizávamos graciosamente, com todos os olhos voltados para nós. A melodia nos envolvia, como se cada passo da dança remetesse à entrega do nosso amor. Nossas almas estavam conectadas e entrelaçadas para sempre, e nossos movimentos apenas desenhavam o que já estava predestinado a acontecer. Cada detalhe daquele dia ficou marcado em meu coração. O casamento foi de uma magia indiscutível, e todos os presentes comentavam euforicamente durante a festa sobre como tudo estava perfeito, desde a decoração até a comida e a música envolvente. Dançamos e rimos com nossos familiares, compartilhando momentos únicos. Patrícia, várias vezes, passava por mim e exclamava: — Que casamento lindo! Que festa maravilhosa! No meio da festa, Júlio me puxou para dançar. Olhei para ele com os

olhos brilhando, aliviada por tudo ter dado certo, além do que eu esperava. Tudo aconteceu de forma linda e inexplicável em menos de um ano, e eu estava vivendo tudo isso de maneira maravilhosa. Eu estava profundamente grata por aquele novo e belo capítulo em minha vida, ansiosa para vivenciar as maravilhas que o futuro nos reservava. — Conseguimos. — Júlio sussurrou no meu ouvido, com os olhos cheios de lágrimas. Seus lábios curvaram-se suavemente para cima, revelando seus dentes alinhados. Seus olhos acompanhavam o movimento, estreitando-se ligeiramente, como se também estivessem sorrindo, criando pequenas rugas de expressão nos cantos. A pele ao redor dos olhos e das bochechas se levantava, conferindo ao rosto uma aparência radiante e acolhedora. — Conseguimos — respondi, após beijá-lo. — Agora sabemos onde um sorriso despretensioso pode nos levar. — brinquei. — Até o amor da sua vida. Até o infinito e além. Quero sempre ter seu sorriso comigo, pelo resto das nossas vidas — disse graciosamente.

Enquanto dançava com Júlio, desejei que toda garota sonhadora encontrasse alguém especial, assim como eu encontrei. A verdade é que nunca sabemos quando alguém especial cruzará nosso caminho e mudará nossa vida para sempre. O que sabemos é que existe algo especial dentro de nós. O que precisa para despertá-lo? Um beijo? Uma conversa? Um sorriso? Que, mesmo em silêncio, fala volumes sobre a emoção e a intenção de

quem o oferece. Por mais difícil que pareça, às vezes, pode ser mais fácil do que pensamos. Temos medo de pular o muro que está à nossa frente, colocamos barreiras que um simples sorriso pode se quebrar. O que te deixaria feliz hoje? O que faria você ver a vida com outros olhos? A resposta está dentro de você, talvez apenas a um sorriso de distância.

